

MEA 0003

Arqueologia Brasileira

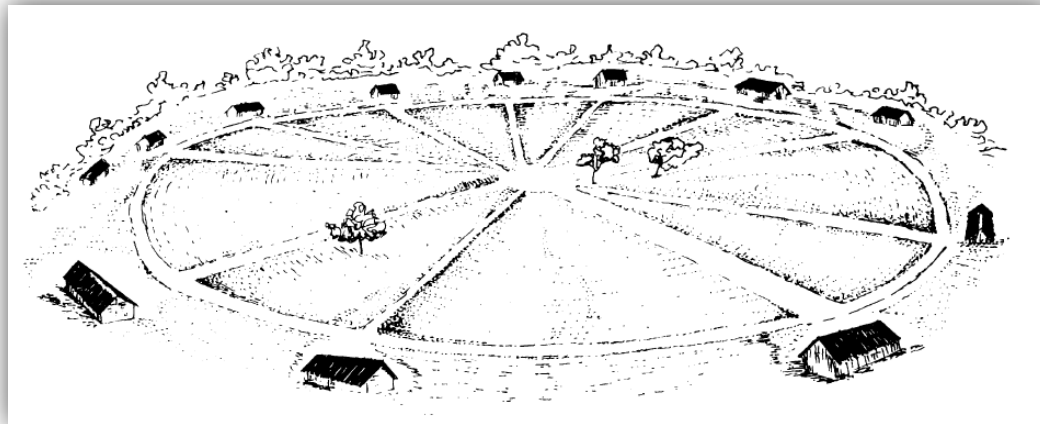
Aula 12 - Antiguidade Jê – Brasil Central



MEA 0003

Arqueologia Brasileira

Aula 12 - Antiguidade Jê – Brasil Central

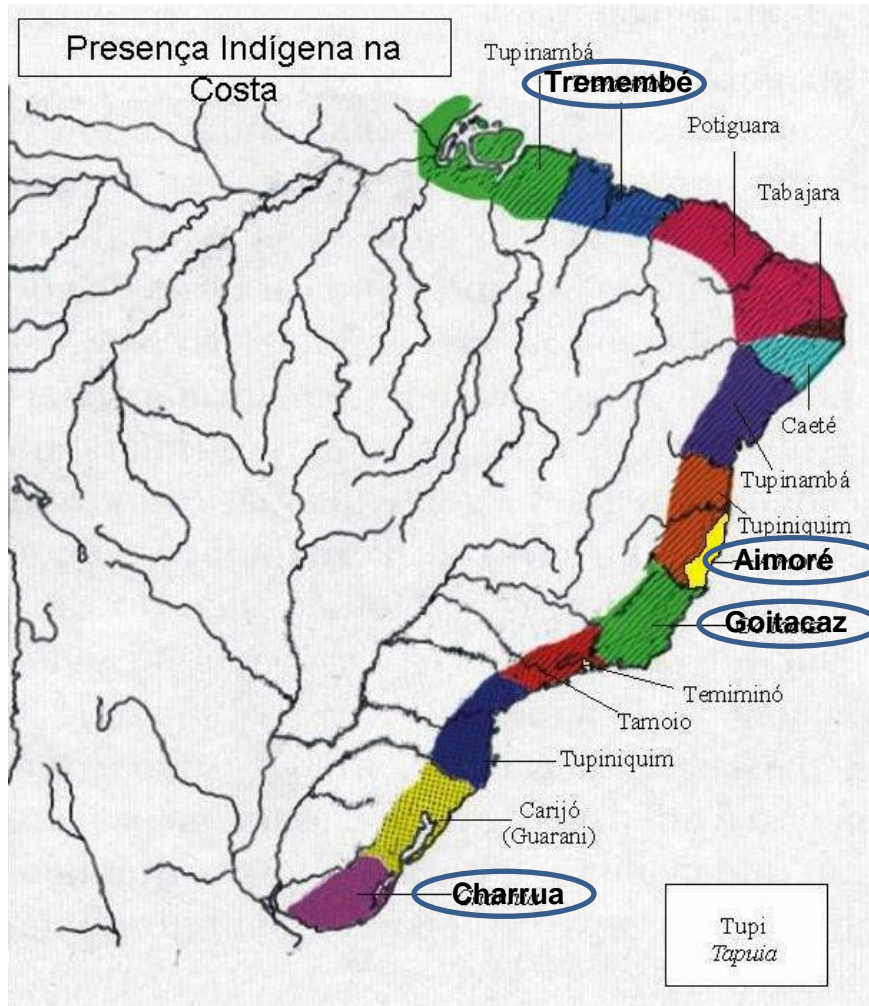




Jê

Os povos Jê - Tapuia

- Nas fases iniciais da colonização 'Tapuia' eram os índios não-Tupi.
- Ainda que hoje sabemos que nem todos os grupos referidos como 'Tapuia' fossem, de fato, falantes de línguas Jê.

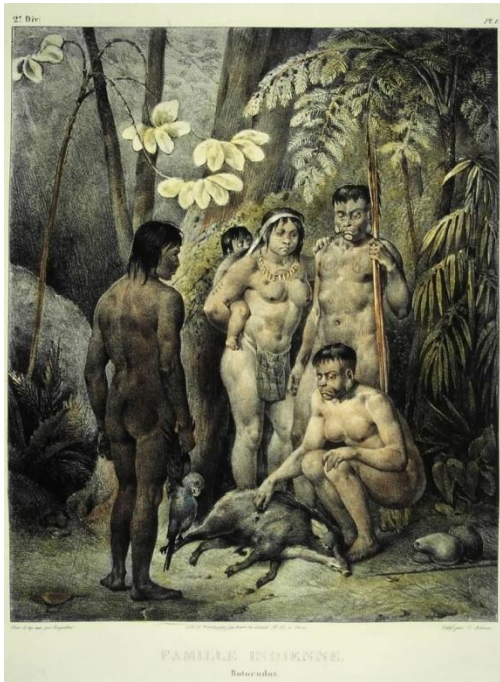


Dança dos Tapuias, quadro de Albert Eckhout.

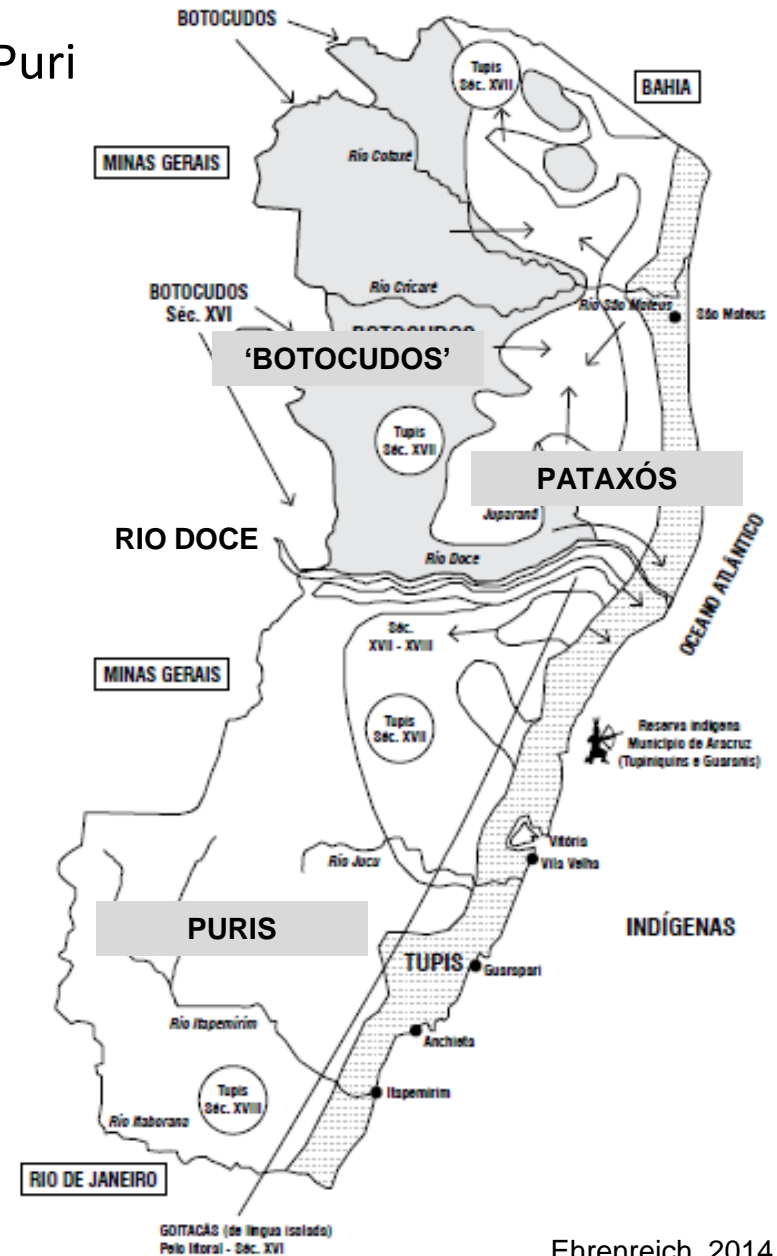
Jê

Os povos Jê – Tapuias do Espírito Santo

- Grupos Borum (Krenak), Maxacali (Pataxó), Puri (não-Jê) e Tupi-Guarani.



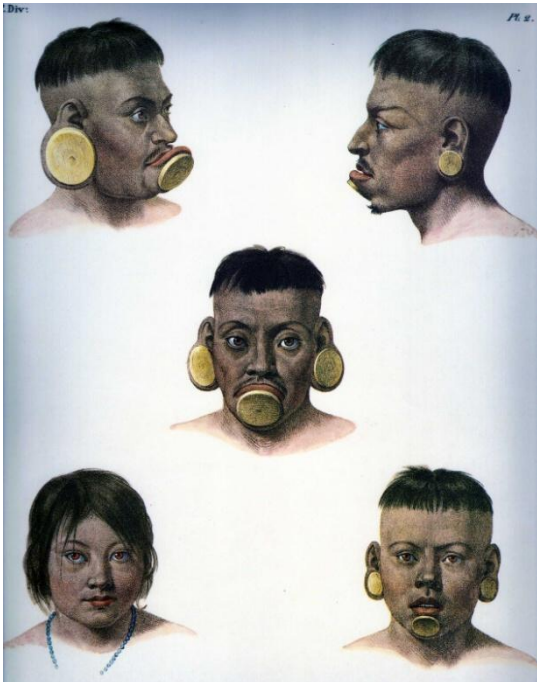
Os Botocudos - Pintura de Rugendas, 1835



Jê

Os povos Jê – Borum

- Ainda que existissem relatos desde o século XVII de povos indígenas do interior do país que tinham como hábito realizar corridas com toras, um dos grupos Tapuia mais conhecidos dos europeus até o século XX eram os Borum, dentre os quais diversos grupos de diversas denominações (e.g. Krenak) que foram genericamente designados 'Aimoré' pelos cronistas do século XVI e 'Botocudos' a partir do século XIX.



Os Botocudos - Pintura de Rugendas, 1835



Foto de Walter Garbe, 1909

Jê

Os povos Jê – Borum

- Aimorés -> Botocudos -> Krenak (Borum)

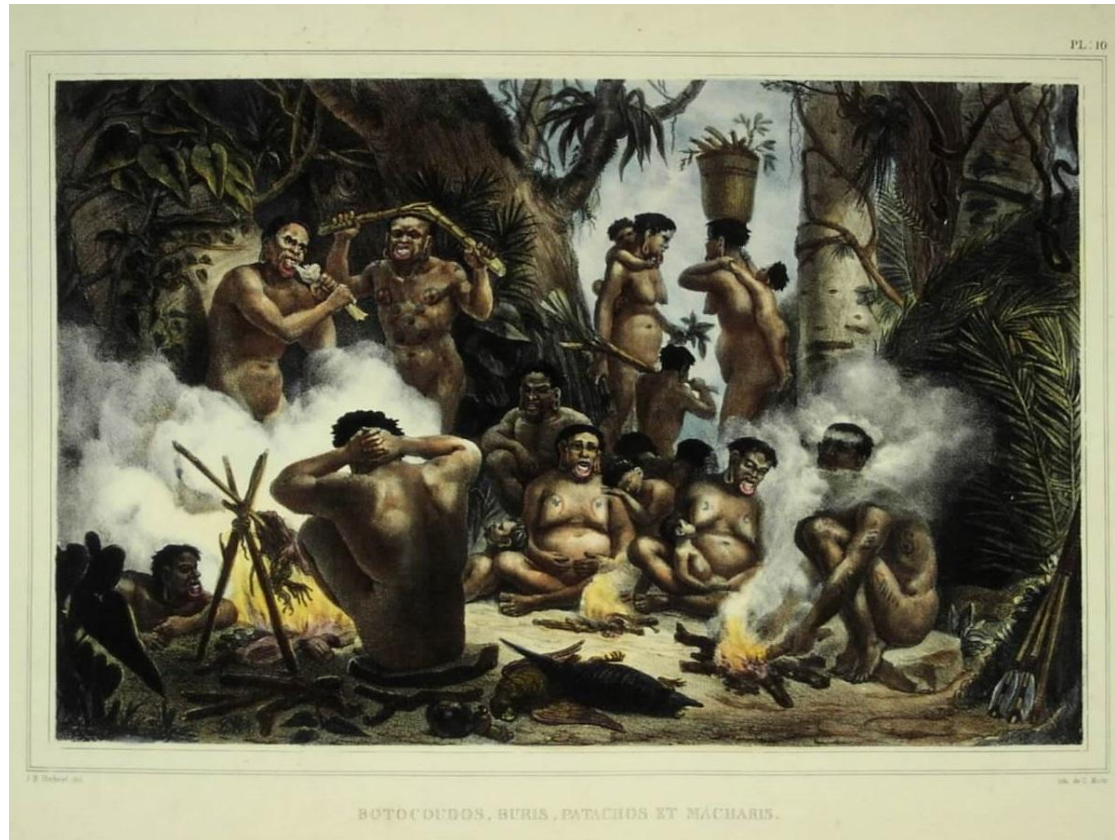


Foto de Antonio Simoens da Silva, 1925

Jê

Os povos Jê - Tapuia

- Contato com falantes Borum (i.e. Botocudo) ocorre já no século XVI e é marcado por conflitos. Entradas organizadas por Fernão Dias Paes Leme e outros bandeirantes.
- Em 1808 D. João VI declarou guerra contra 'os Botocudos antropófagos'.



Botocudos, Buris, Pataxós e Mucharis, Pintura de Debret 1834

Jê

Os povos Jê - Tapuia

- Diversos viajantes e naturalistas se encontraram com grupos não-Tupi da costa.
- Em seu 'Viagem Pitoresca e Histórico ao Brasil' de 1834, Jean Baptiste Debret representa os 'Tapuias' como canibais ferozes. O príncipe Maximilian Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire os descrevem como cognitivamente inferiores e sem tecnologia.
- Therese von Bayern, Paul Ehrenreich e Johann Rugendas são outros cronistas que encontraram com grupos 'Tapuia'.

'O nível cultural dos Botocudos certamente é um dos mais baixos que podemos encontrar atualmente em qualquer povo da terra... Ainda nos dias de hoje, as tribos selvagens vivem em nudez completa... Os belos enfeites de penas de outras tribos da América do Sul lhes eram desconhecidos... Desconhecem completamente as redes que são usadas na costa leste pelos Tupis e também pelos Coroados e Puris... Chama muito a atenção que também não conhecem o uso de canoas... Também a cerâmica não se desenvolveu entre eles... não dispunham de bebidas embriagantes.. preparo dos meios alimentícios é o mais simples que se possa imaginar. Muitos alimentos são ingeridos crus. Não sabem cozinhar em água... (Ehrenreich, 1887).

Jê

Os povos Jê - Borum

- Os diversos grupos Borum ocupavam as florestas montanhosas entre o ES e MG.
- Descritos como povos nômades, sem agricultura, tecnologia ou mesmo cultura.



Foto de grupo Botocudo tirado no Espírito Santo (Colatina) por Walter Garbe em 1909

Jê

Os povos Jê - Borum

- Os diversos grupos Borum ocupavam as florestas montanhosas entre o ES e MG.
- Descritos como povos nômades, sem agricultura, tecnologia ou mesmo cultura.

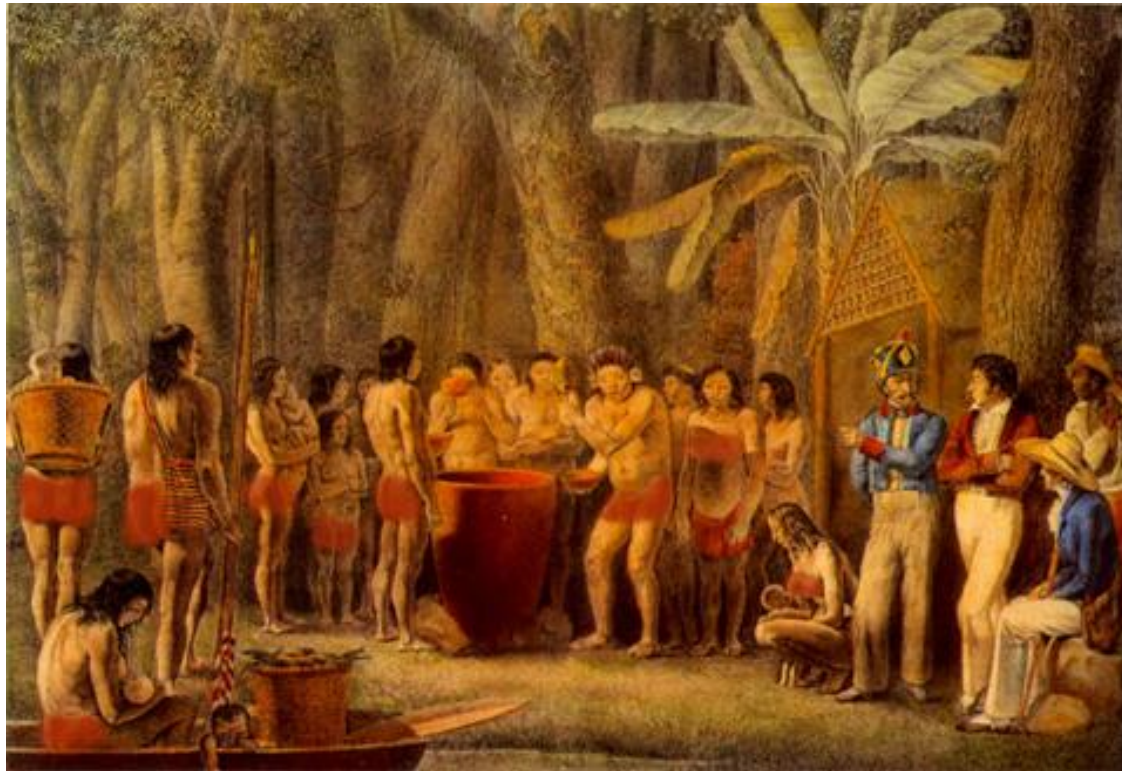


Foto de grupo Botocudo tirado no Espírito Santo (Colatina) por Walter Garbe em 1909

Jê

Os povos Jê – Puri/Coroado

- Atualmente se considera como isolado linguístico não pertencente ao tranco macro-Jê. Ainda assim, foram grupos 'Tapuia' que tiveram grande interação com os europeus durante o período colonial.



Coroado drinking festival - Pintura em Spix and Martius, 1825

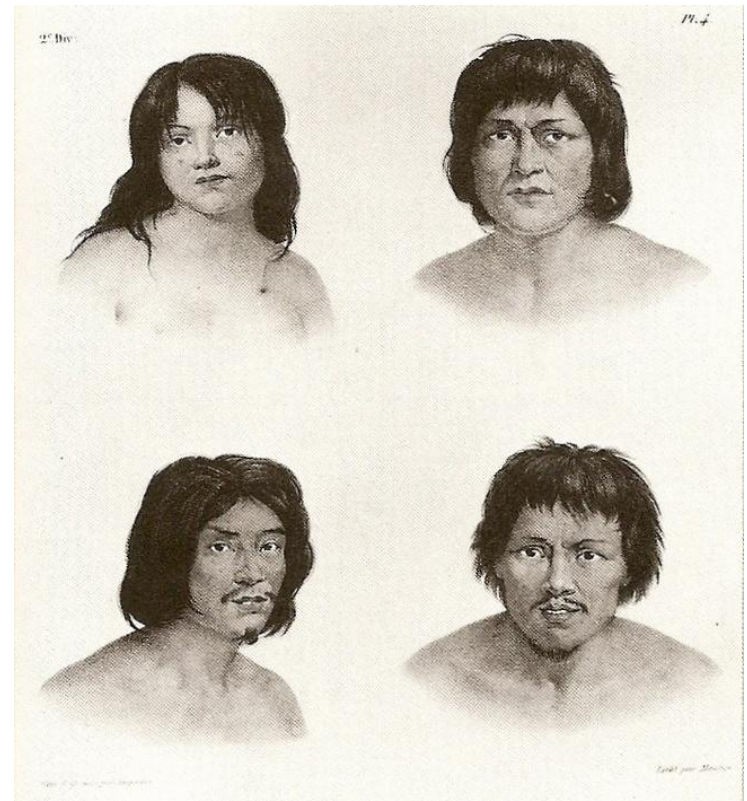
Jê

Os povos Jê – Puri/Coroado

- Atualmente se considera como isolado linguístico não pertencente ao tranco macro-Jê. Ainda assim, foram grupos 'Tapuia' que tiveram grande interação com os europeus durante o período colonial.



Puri dancing - Pintura de Rugendas, 1835

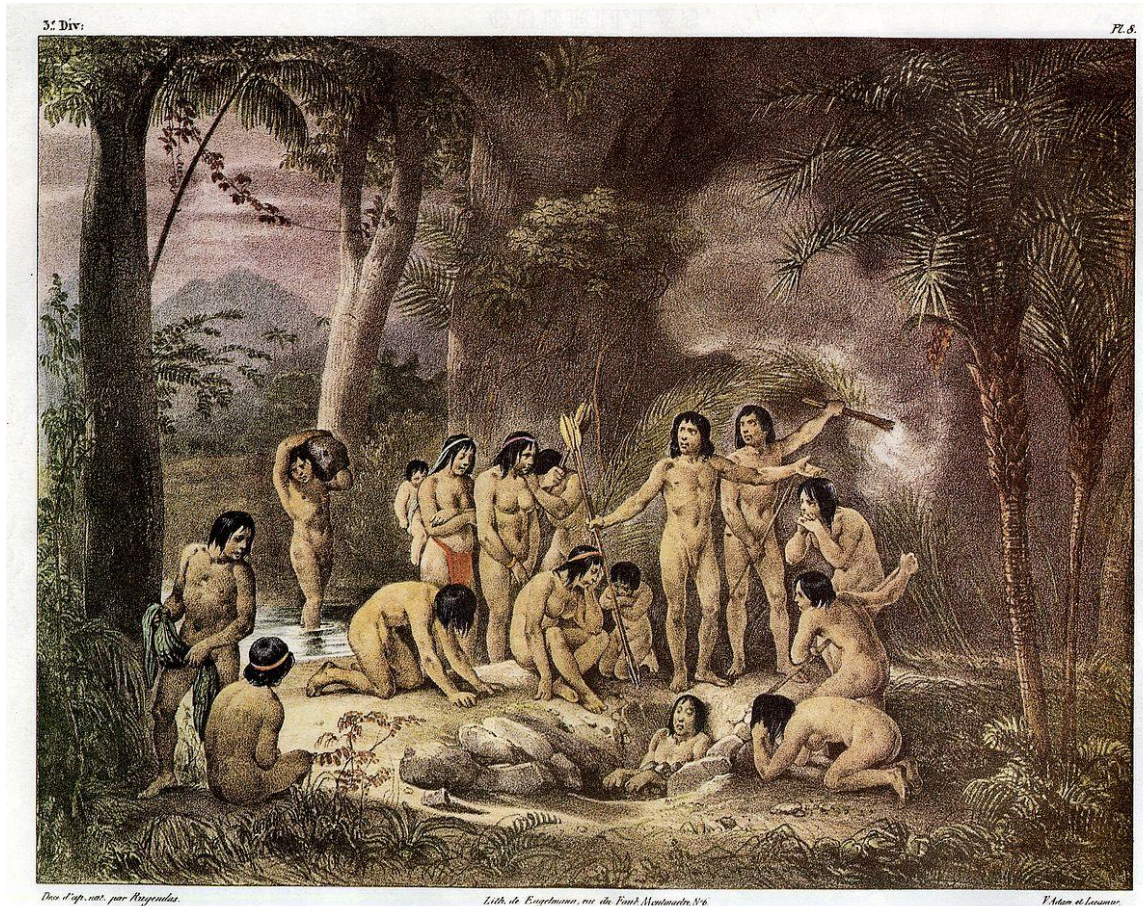


Puri - Pintura de Rugendas, 1835

Jê

Os povos Jê – Puri/Coroado

- Atualmente se considera como isolado linguístico não pertencente ao tranco macro-Jê. Ainda assim, foram grupos 'Tapuia' que tiveram grande interação com os europeus durante o período colonial.



Puri Burial - Pintura de Rugendas, 1835

Jê

Os povos Jê - Tapuia

- As descrições coloniais dos grupos Borum influenciaram fortemente a percepção dos grupos Jê, como um todo.



Botocudo – Maximilian Wied-Neuwied

De certa maneira, esses primeiros relatos coloniais acabaram por **estigmatizar as etnias Jê**, já que propagaram a imagem de **povos arcaicos, sem agricultura, sem pesca, sem cerâmica, de habitações simples e com economia de caça e coleta**, isto é, possuidores de uma **cultura rudimentar e marginal**. Um grupo que apresentava uma unidade cultural que se opunha aos Tupi (Coelho de Souza, p.24-25).

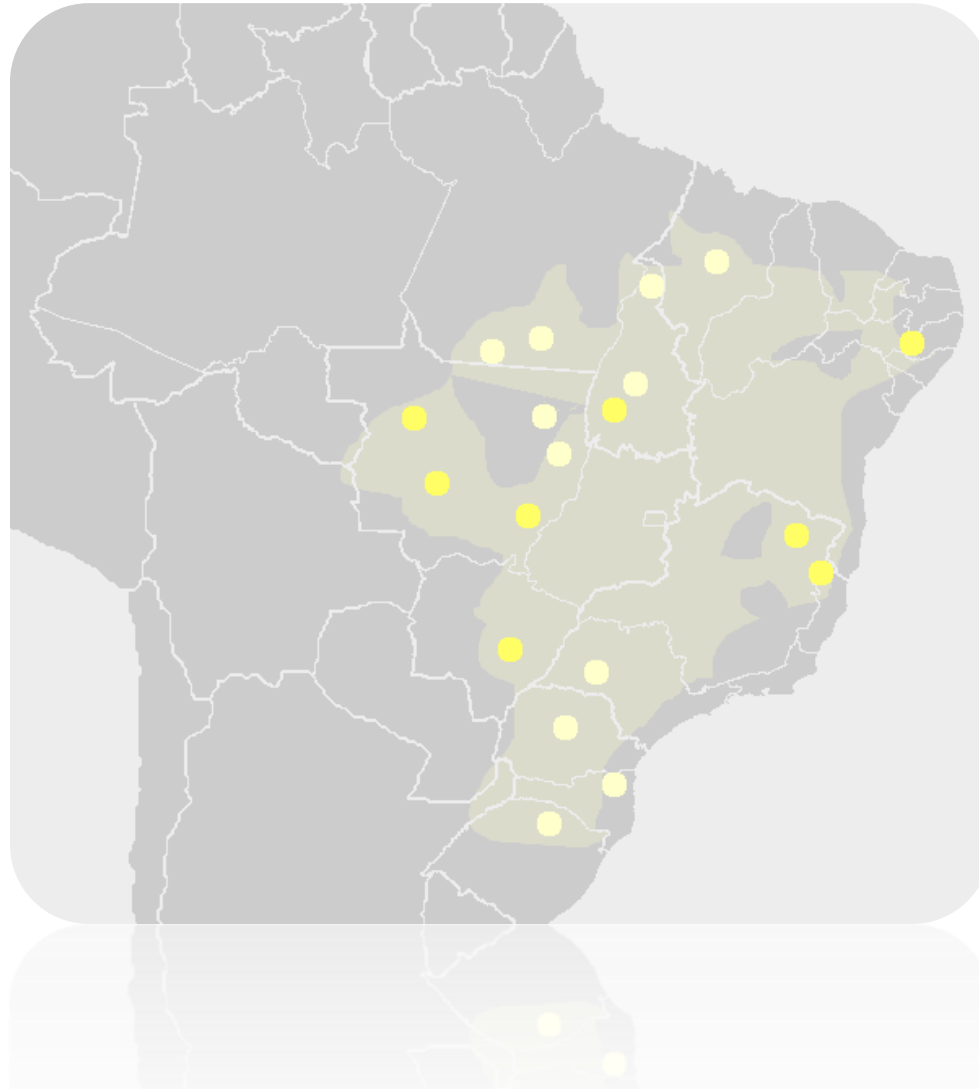
Jê

Os povos Jê - Nimuendaju

- Primeiro antropólogo do século XX a documentar povos Jê.
 - Apinayé (1939)[norte do TO], Xerente (1942)[TO] e Timbira (1946)[MA,PA,TO].
- Nimuendaju é o primeiro a identificar a estrutura dualista, a existência de metades, aldeias circulares, a uxorilocalidade e o sistema de parentesco Crow/Omaha, temas que se tornariam centrais na ‘jê-ologia’.
- Em 1942 missionários salesianos Colbacchini e Albisetti etnografam os Bororo.
- Harvard-Central Brazil Project (HCBP) – Coordenado por David Maybury-Lewis e Roberto Cardoso de Oliveira. Projeto comparativo regional entre Jê central, Jê setentrional e Bororo.
 - Joan Bamberguer e Terence Turner – Kayapó (norte do Mato Grosso, sul do Pará)
 - Roberto DaMatta – Timbira (sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins)
 - Julio Cezar Melatti - Krahó (nordeste Tocantins)
 - Jean Carter Lave – Krikati (Maranhão)
 - Christopher Crocker – Bororo (Mato Grosso)
 - Cecil Cook – Nambikwara (Mato Grosso) [não é Jê, mas possui dualismo e sistema de metades].

Jê

Linguística



Jê

Tronco macro-Jê


Destaca-se pela **inexistência de consenso quanto a sua constituição**.

Apesar disso, o rótulo “Macro-Jê” é comumente utilizado em inúmeros trabalhos de áreas tão diversas como a linguística, a antropologia, a história, a arqueologia e a genética (Nikulin 2020).

Inexistem relatos históricos anteriores ao século XVIII (Tapuya não é Jê)


Jê

Tronco macro-Jê

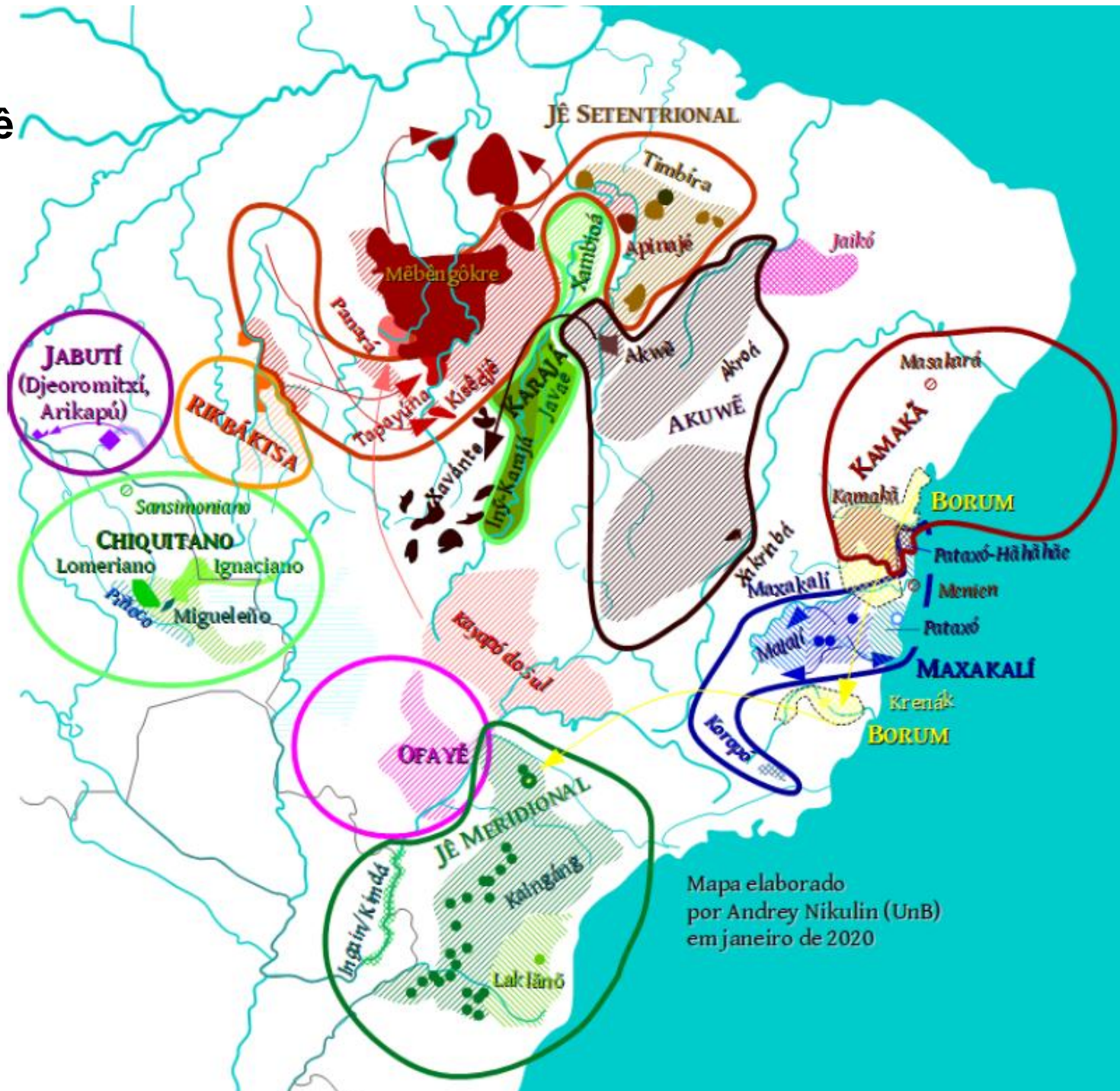


Tronco cujo **desmembramento teria se dado durante uma história com maior profundidade temporal do que a dos grandes agrupamentos consolidados como o tronco Tupí, a família Karíb e a família Aruák.** (Martins 2015);

Distribuição ampla e relativamente homogênea das famílias, contrastando drasticamente com o macro-Tupí.



Tronco macro-Jê

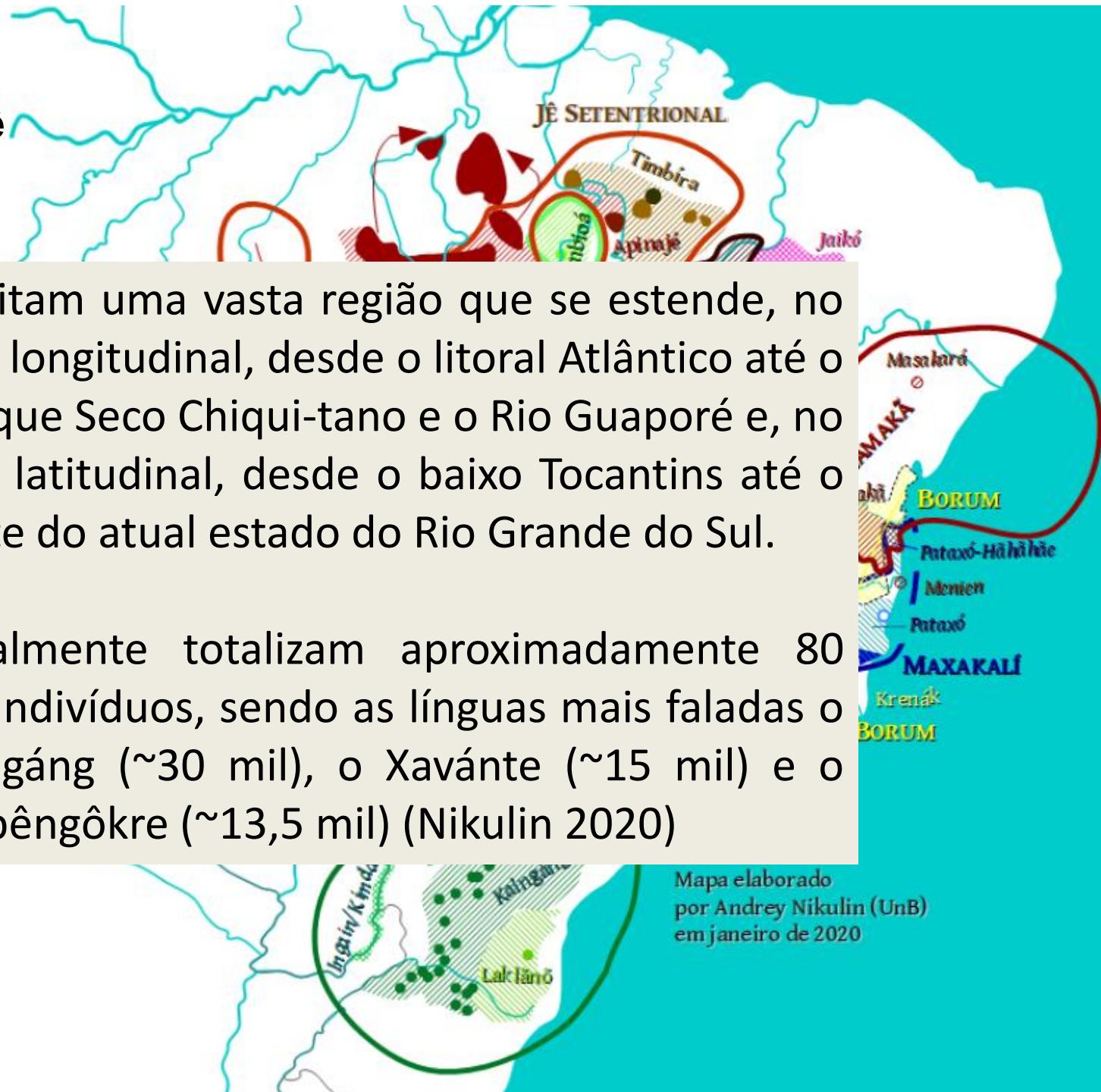


Mapa elaborado por Andrey Nikulin (UnB) em janeiro de 2020

Tronco macro-Jê

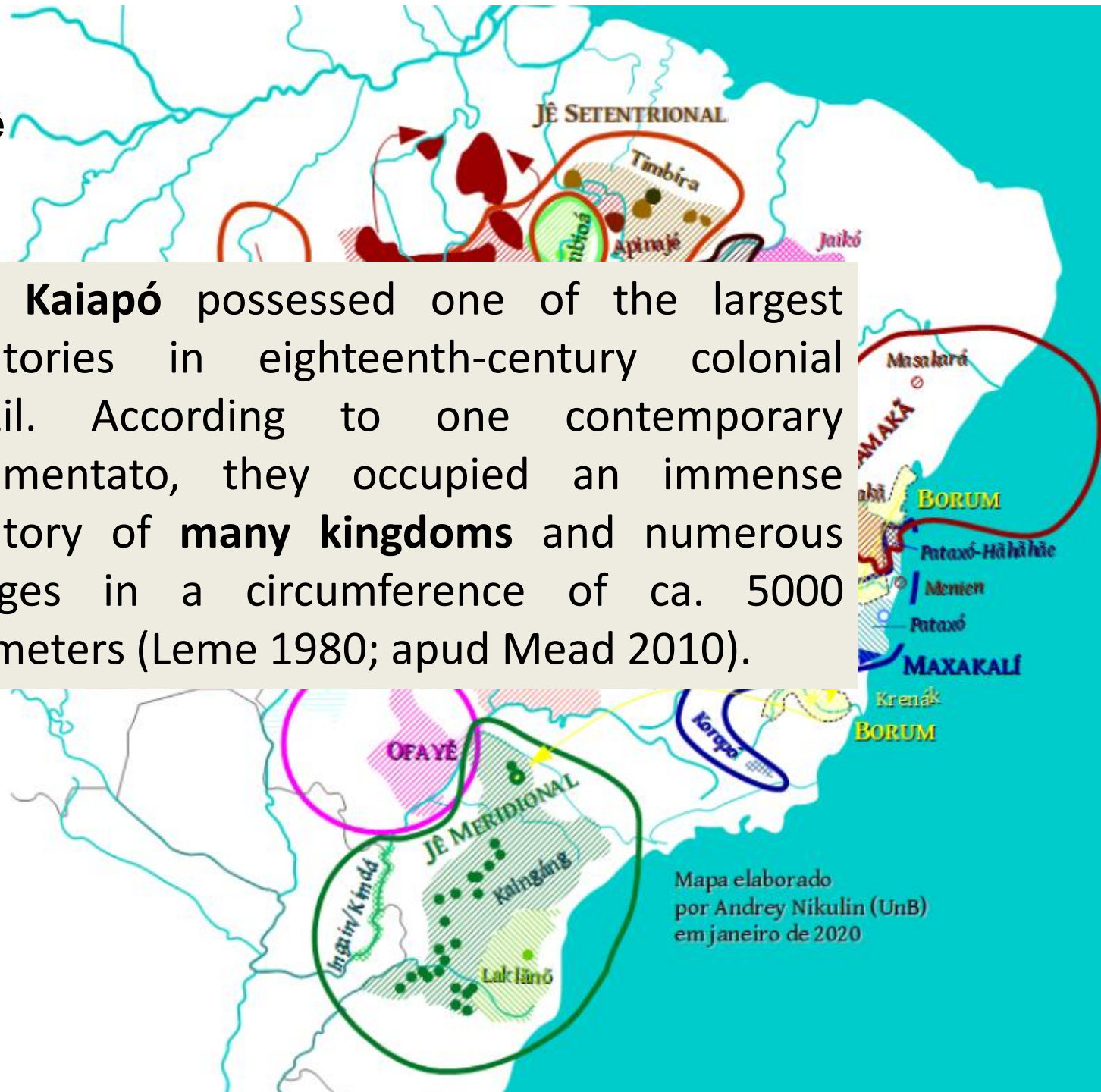
Habitam uma vasta região que se estende, no eixo longitudinal, desde o litoral Atlântico até o Bosque Seco Chiqui-tano e o Rio Guaporé e, no eixo latitudinal, desde o baixo Tocantins até o norte do atual estado do Rio Grande do Sul.

Atualmente totalizam aproximadamente 80 mil indivíduos, sendo as línguas mais faladas o Kaingáng (~30 mil), o Xavánte (~15 mil) e o Mẽbêngôkre (~13,5 mil) (Nikulin 2020)



Tronco macro-Jê

The **Kaiapó** possessed one of the largest territories in eighteenth-century colonial Brazil. According to one contemporary commentato, they occupied an immense territory of **many kingdoms** and numerous villages in a circumference of ca. 5000 kilometers (Leme 1980; apud Mead 2010).



Tronco macro-Jê

FAMÍLIAS

Jê (*Kaingang, Xavante, Kaiapó*)

Jaikó

Maxakalí (*Pataxó*)

Krenak (*Aimoré, Borum, Botocudos*)

Kamakã (*Kotoxó*)

Karajá

Ofayé

Rikbáktsa

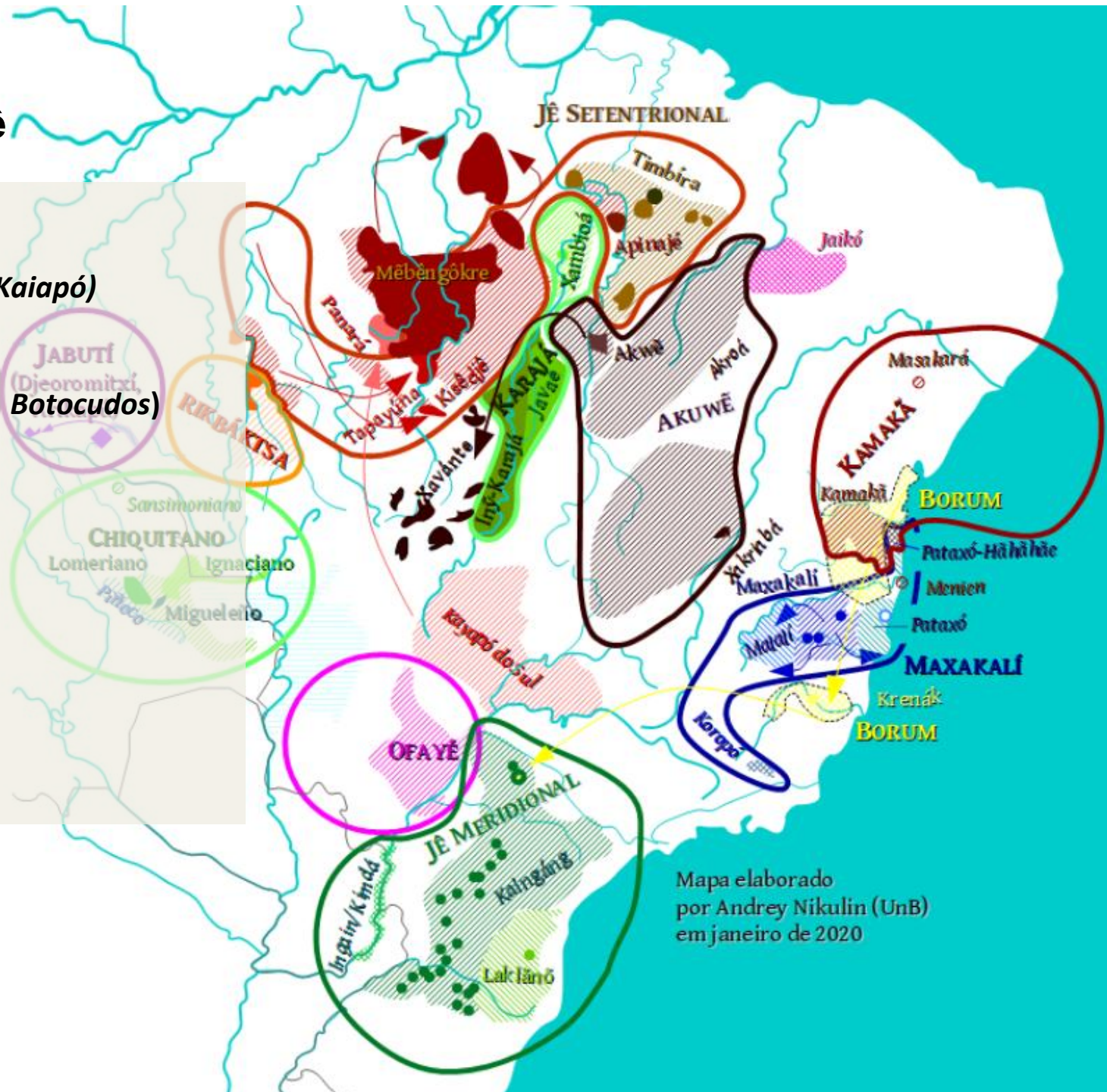
Jabutí

Chiquitano

Bororo

Puri (Coroado)

Kariri



Mapa elaborado por Andrey Nikulin (UnB) em janeiro de 2020

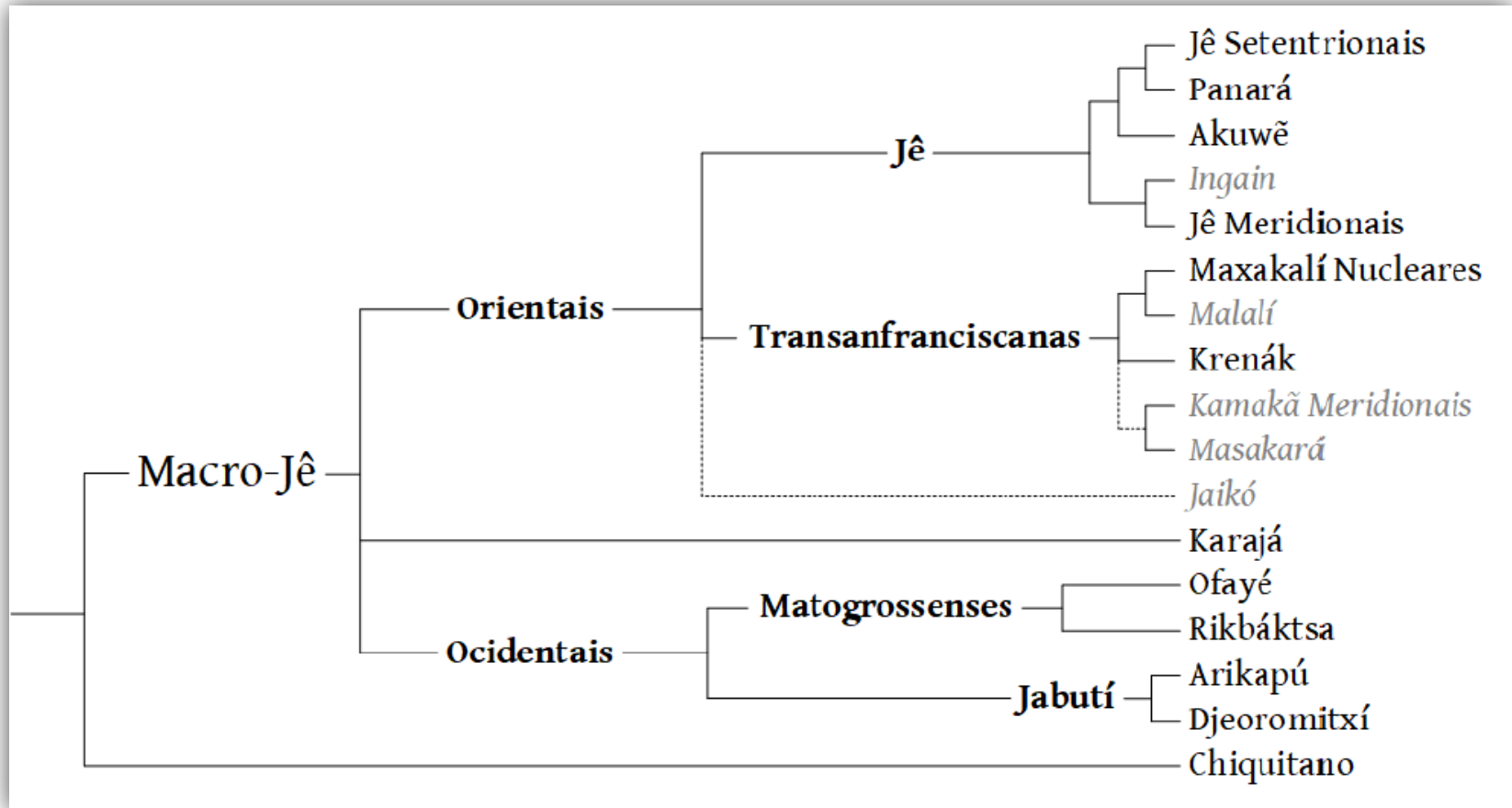
Jê

Tronco macro-Jê



Jê

Tronco macro-Jê



Jê

A família Jê

	RAMOS	LÍNGUAS
FAMÍLIA JÊ	Jê Meridional	Kaingang, Xokleng
	Jê Central	Xavánte, Xerénte
	Jê Setentrional	Timbira, Apinajé, Kayapó, Panará, Suyá

Jê

A família Jê

Num primeiro momento, a inclusão das línguas meridionais (Kaingang, Xokleng) numa mesma família Jê junto com as línguas do Brasil central (Xavánte, Xerénte) e setentrional (Timbira, Apinajés, Kayapó) não era clara.

Foi com o trabalho de Davis (1966) identificando 112 cognatos que essa afinidade genética foi consolidada.

A família Jê

JÊ SETENTRIONAL

- Timbira: MA, PA, TO (2800)*
- Apinajés: norte TO (720)*
- Kayapó (Xikrin): oeste MG e sd do Pará (5000)*
- Panará: norte MG e sudoeste Pará (160)*
- Suyá: Xingu (300)*

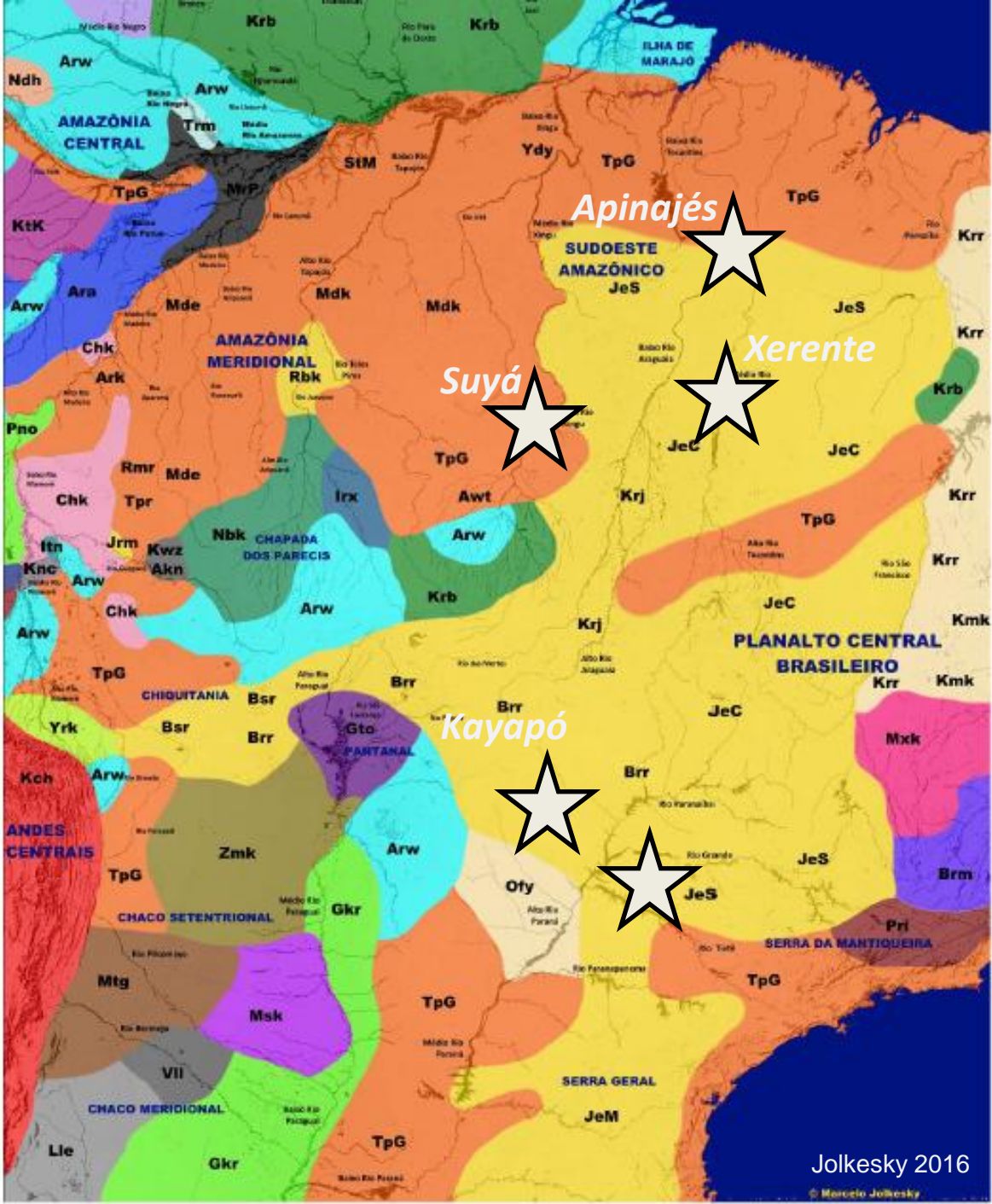
JÊ CENTRAL

- Xakriabá*: Minas Gerais (extinta)*
- Akroá*: oeste de GO e sul MA (extinta)*
- Xavante: sudeste MG (9000)*
- Xerente: TO (1550)*

JÊ MERIDIONAL

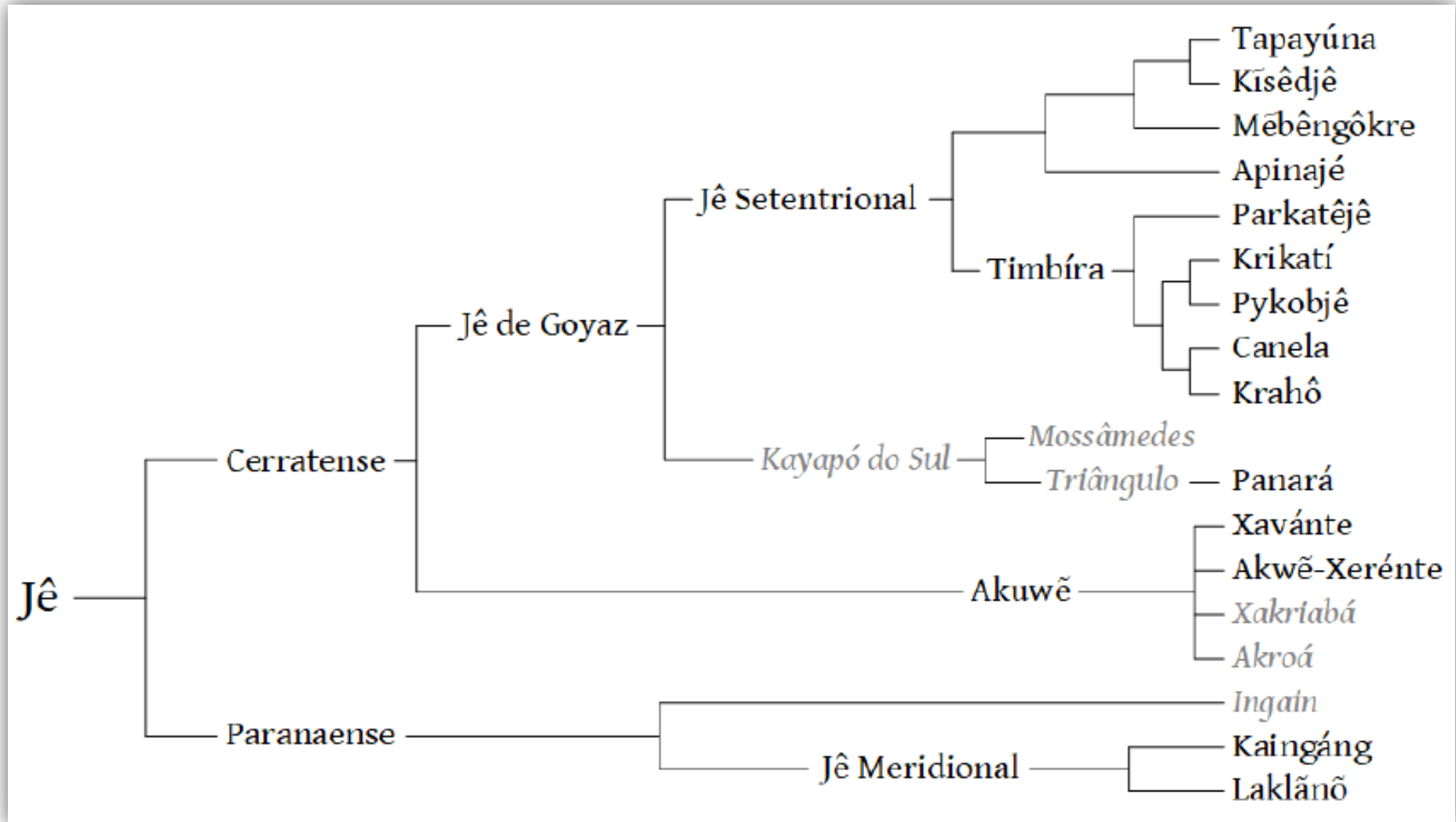
- Ingaín: extinta*
- Kaingang: SP, PR, SC (20000)*
- Xokleng: SC (1650)*

Martins et al. 2015



Jê

A família Jê



Jê

A família Jê

•Jê Central

- Akroá †
- Xakriabá †
- Xavánte
- Xerénte

•Jeikó †

•Jê Meridional

•Ingain †

- Ingain †
- Kimdá †

•Kaingang-Xokleng

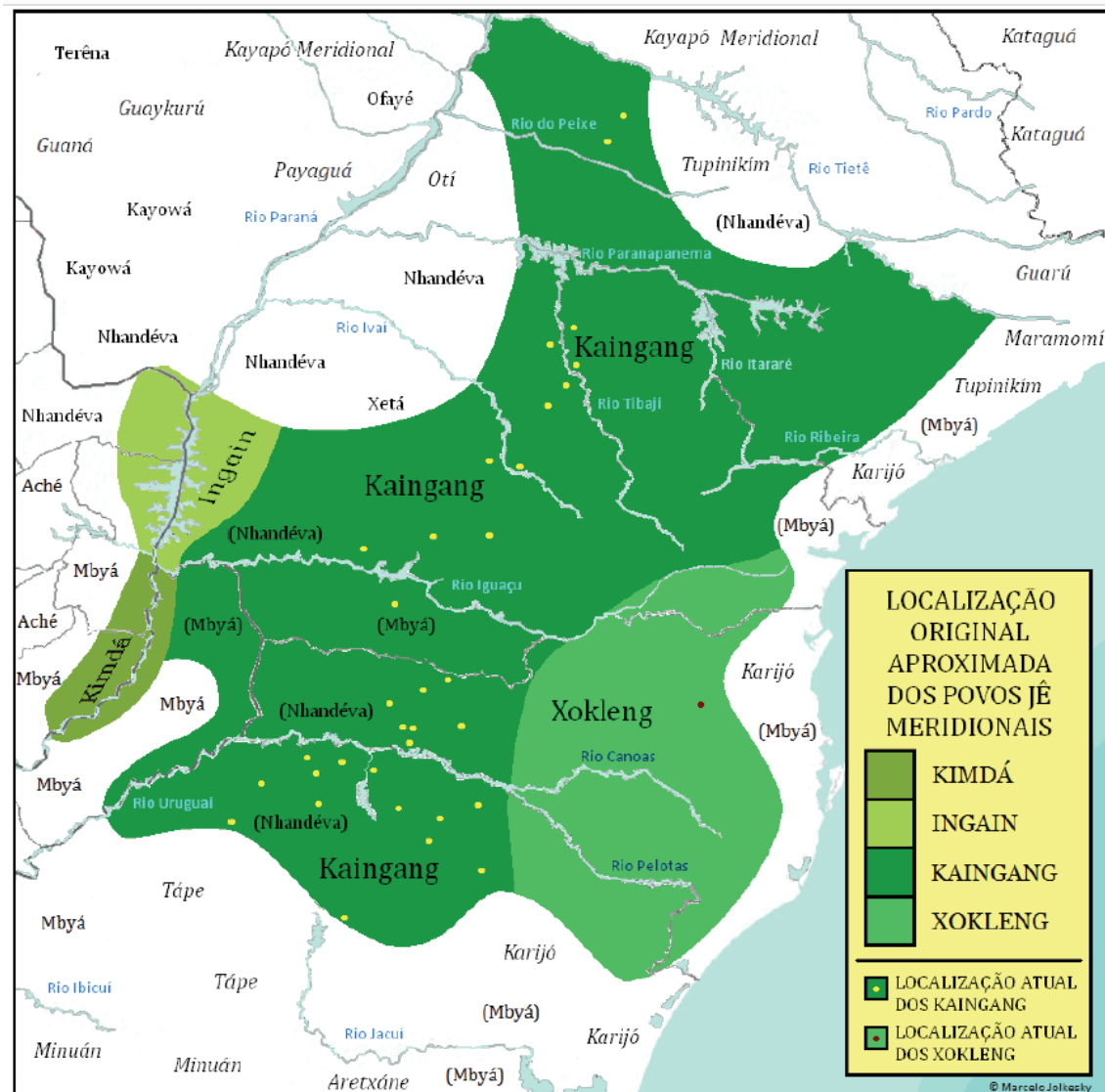
- Kaingang
 - Kaingang
 - Kaingang paulista
- Xokleng

•Jê Setentrional

- Apinajé
- Kaiapó
 - Mëbêngôkre
 - Xikrín
- Panará
- Suyá-Tapayúna
 - Suyá
 - Tapayúna
- Timbira
 - Apāniekrá
 - Krahô
 - Krējê †
 - Krīkati
 - Parkatêjê
 - Pykobjê
 - Ramkokamekrá

Jê do Sul

Jê meridional



Jê do Sul

Jê meridional – alto nível de cognação

Xokleng, Kaingang, Kaingang Paulista e Ingain

	Xo	Ka	Kp	In
piolho	gɔ	ga	ga	ga
dois	legle	regre	rēgre ~ rēgri	ri
água	goj	goj	goj	(krād)
orelha	dēglāg	dīgrēg	dīgrē{t}	dēgrēd
morrer	tel	ter	ter	der
1.SG	ēʃ	it̚	it̚	i
fígado	tōbā	tōbē	tabē	t̚pēd
olho	kɔdā	kadē	kadɛ	kada
mão	dēga	dīge ~ dīgā	dīge	dēgɔ
ouvir	bā (-g)	bē (-g)	bē	ēbad
árvore	kɔ	ka	ka	ka
peixe	kaklo	kākro	koφɣr	(dEʃΛ)
nome	juɰju	juɰju	juɰju	–
pedra	(kɔθu)	pɔ	pɔ	(kidē)
dente	ja	jā	jē	jō
mama, seio	dū{g}je	dū(g)je	du(g)je	dōʃe

Jê do Sul

Jê meridional – alto nível de cognação

Xokleng, Kaingang, Kaingang Paulista e Ingain

Quadro 21: Porcentagem de cognação entre as línguas do PJM (método: Holman *et alii*)

XO			
97,0	KA		
97,0	100	KP	
91,2	88,2	88,2	IN

Jê do Sul

Jê meridional – alto nível de cogação

Xokleng, Kaingang, Kaingang Paulista e Ingain

Kaingang e Xokleng são extremamente parecidos, mais semelhantes do que Português e Espanhol.

Jê do Sul

Jê meridional – cronologia da separação

Xokleng, Kaingang, Kaingang Paulista e Ingain

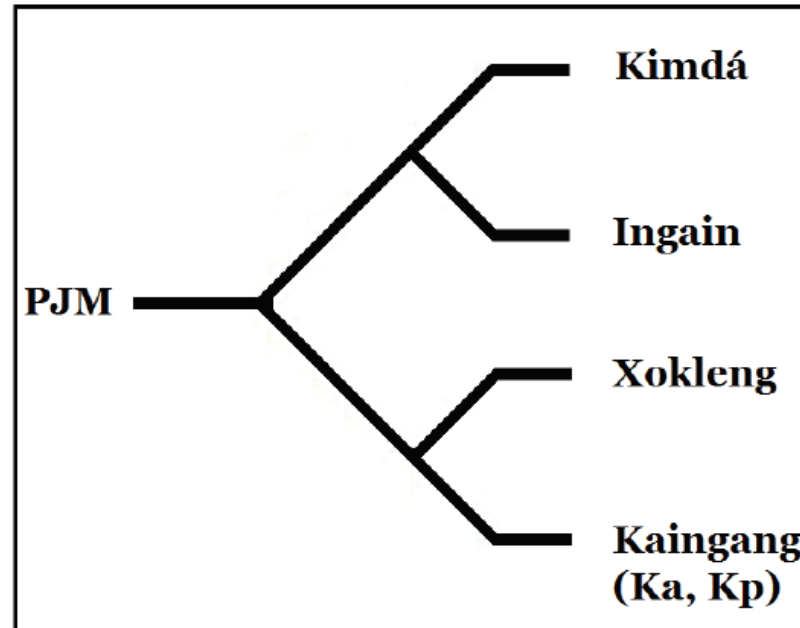


Tabela 40: Porcentagem de retenção lexical com as respectivas divergências temporais (em milênios) e as datas de fissão dos sub-ramos do PJM

SUBGRUPOS DO PJM	% de retenção lexical	divergência temporal	data de fissão
PJM ocidental - PJM oriental	91,2	~1,17	840 d.C.
Xo - Ka	97,0	~0,62	1390 d.C.

Jê do Sul

Origem do macro-Jê - linguística

- Urban sugere leste do Brasil como local de origem, com base na grande diversidade linguística.
- Entretanto, estudos mais recentes que incluem Chiquitano, Jabuti e Rikbaktsa no tronco macro-Jê tornam essa hipótese pouco provável. Talvez o rio São Francisco tenha sido sim um local de diversificação, mas não de origem do tronco.

Urban (1992:91) afirma: “É interessante o fato de ter ocorrido, historicamente, uma tal concentração de línguas Macro-Jê na parte leste do Brasil, desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Essa poderia ser a zona de origem da zona do Macro-Jê, uma especulação que poderia ser iluminada por uma reconstituição das relações internas entre as famílias Macro-Jê nessa área (Maxakali, Botocudo, Puri e Kamakã)... Se forem apenas remotamente relacionadas umas às outras, esta seria uma área de grande diversidade linguística para o grupo Jê e, assim, um possível local de dispersão ocorrida a 5 ou 6 mil anos”

Jê

Os povos Jê - Nimuendaju

- Primeiro antropólogo do século XX a documentar povos Jê.

- Apinayé (1939)[norte do TO], Xerente (1942)[TO] e Timbira (1946)[MA,PA,TO].

-Nimuendaju é o primeiro a identificar a estrutura dualista, a existência de metades, aldeias circulares, a uxorilocalidade e o sistema de parentesco Crow/Omaha, temas que se tornariam centrais na 'jê-ologia'.

- Em 1942 missionários salesianos Colbacchini e Albisetti etnografam os Bororo.

- Harvard-Central Brazil Project (HCBP) – Coordenado por David Maybury-Lewis e Roberto Cardoso de Oliveira. Projeto comparativo regional entre Jê central, Jê setentrional e Bororo.

- Joan Bamberguer e Terence Turner – Kayapó (norte do Mato Grosso, sul do Pará)
- Roberto DaMatta – Timbira (sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins)
- Julio Cezar Melatti - Krahó (nordeste Tocantins)
- Jean Carter Lave – Krikati (Maranhão)
- Christopher Crocker – Bororo (Mato Grosso)
- Cecil Cook – Nambikwara (Mato Grosso) [não é Jê, mas possui dualismo e sistema de metades].

Os povos Jê – primeiras aproximações

Não é talvez exagero dizer que, depois do esforço monumental e solitário de Nimuendajú, o Harvard-Central Brazil Project consista no mais importante evento etnográfico na história do „americanismo tropical“ (Souza 2002, p.178).

Jê

Os povos Jê – primeiras aproximações

- Notáveis semelhanças linguísticas e culturais numa ampla área geográfica.



Jê

Os povos Jê – primeiras aproximações

- Notáveis semelhanças linguísticas e culturais numa ampla área geográfica.



Começa a se delinear um 'complexo cultural' com base em afinidades linguística, cultural, sociológica, cosmológica, artefactual, tecnológica, geográfica e ambiental.

Jê

Os povos Jê

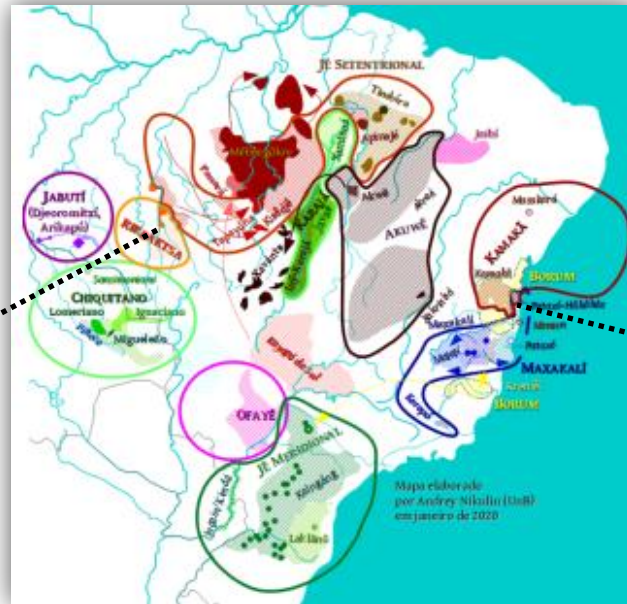
Gregory Urban 1978 elenca as seguintes características como típicas dos grupos Jê.

- (1) Ge peoples are primarily semi-nomadic hunter-gatherers and part-time horticulturalists, in varying proportions;
- (2) they occupy villages that are typically politically autonomous and endogamous;
- (3) their villages often divide into two or more trekking groups for portions of the year;
- (4) they live in uxori locally (matrilocal) extended family households, with the households of a village arranged spatially into circles or semicircles;
- (5) their social organizations appear to be characterized by an elaboration of dual divisions and age-grade structures, with or without age-set systems;
- (6) their principal ceremonies focus on life-cyclic transitions.

Jê

Alargadores

- Grupos de famílias do tronco macro-Jê localizados mais de 1500 quilômetros de distância leste-oeste e ca. 2000 quilômetros no sentido norte-sul.



Rikbaktsa

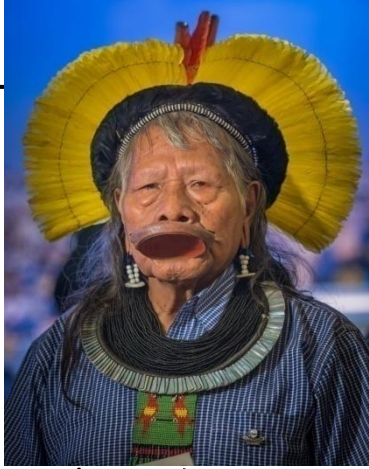


Borum

Alargadores



Tapayuna



Kayapó



Apanyekrá - Canela

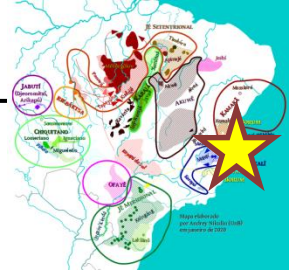


Rikbaktsa



Borum

Jê



Alargadores - Borum





Alargadores - Kisidjê (Suya)



Jê



Alargadores - Kisidjê (Suya)



Detalhe do disco labial suyá. Foto: Camila Gauditano, 2001.

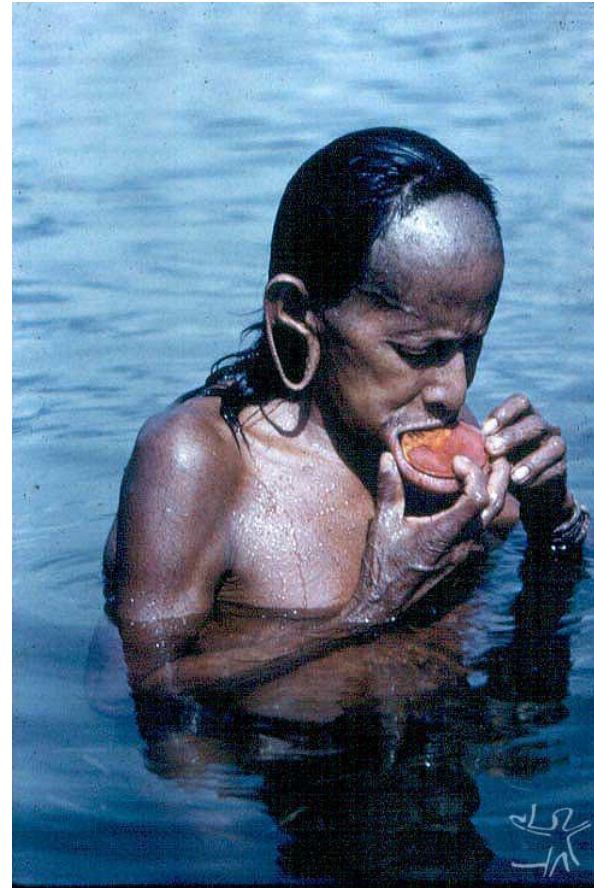
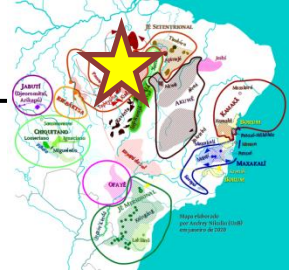


Foto: Harold Schultz, década de 1960.

Jê



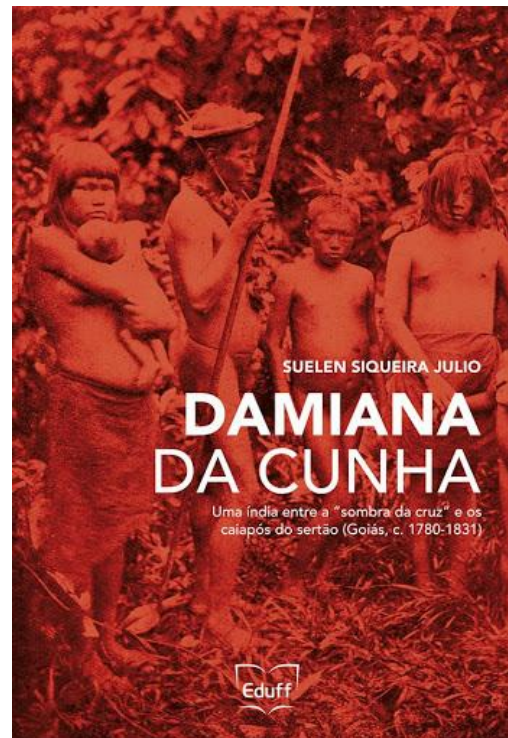
Alargadores -Kayapó - Raoni

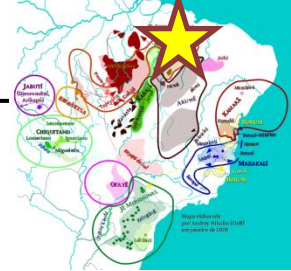




Alargadores

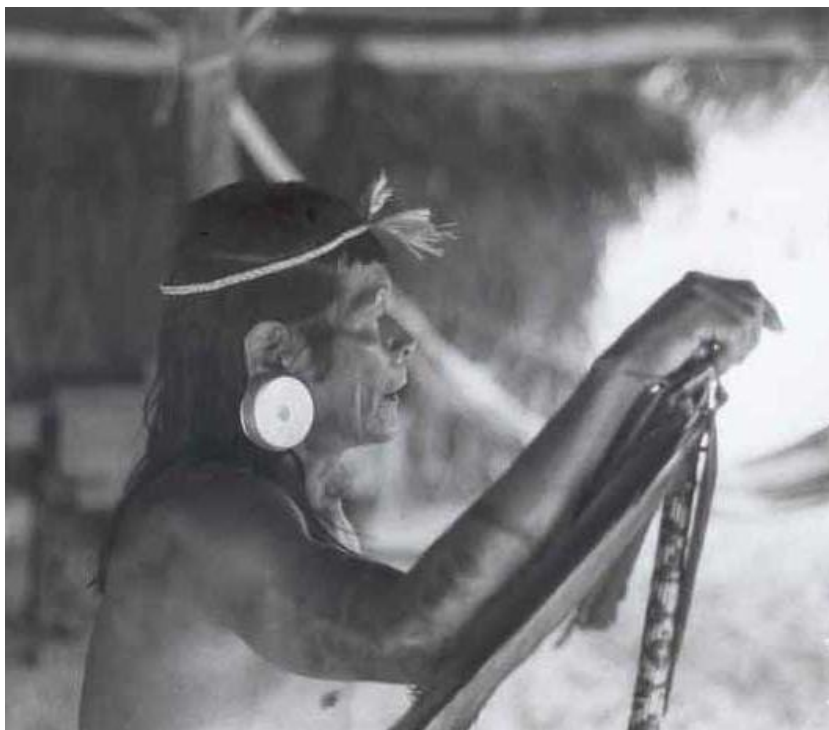
- Pinto da Silveira claimed the **[South] Caiapó** did not use batoques in their lower lip nor the ears, but most [South] Caiapó men, in fact, had worn a small lip disk of wood, a practice that had fallen out of favor at the aldeia (Pohl 1951:364). **Caiapó men and women, judging by what is known about the Panará, had also had once worn earplugs.** This practice too had declined. The one exception was Damiana da Cunha. She reportedly walked about the aldeia with little pieces of wood in her ears, which Pohl (1951:364) thought was a sign of her elevated ancestry.



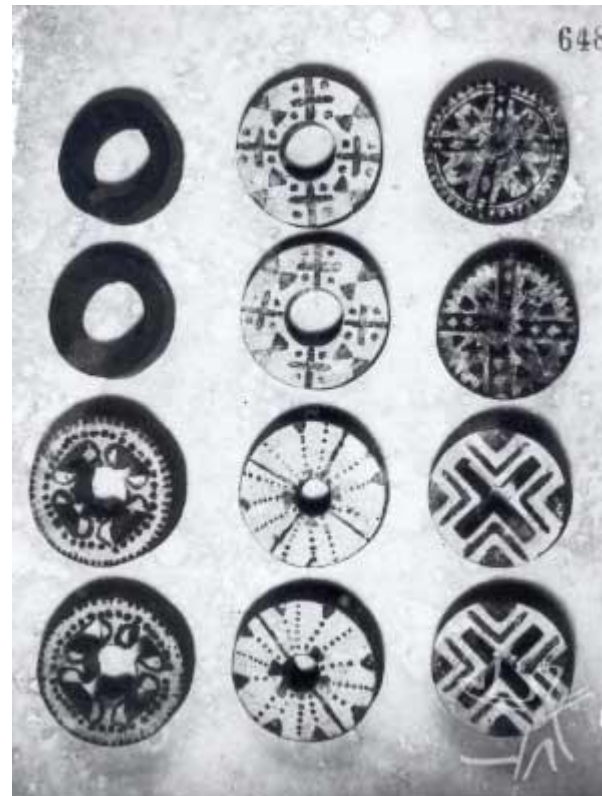


Alargadores

- Apanyekrá - Canela (Timbira)



Cantador apanyekrá. Foto: Jaime Siqueira Jr./CTI, 1993



Brincos auriculares (Kyi). Foto: Curt Nimuendaju, 1931.



Alargadores - Apinajé



Perfuração do lábio em ritual de iniciação. Foto: Curt Nimuendaju, 1937.



Jovem apinajé paramentado e dispendo de arco e flecha cerimoniais. Foto: Curt Nimuendaju, 1931.



Alargadores

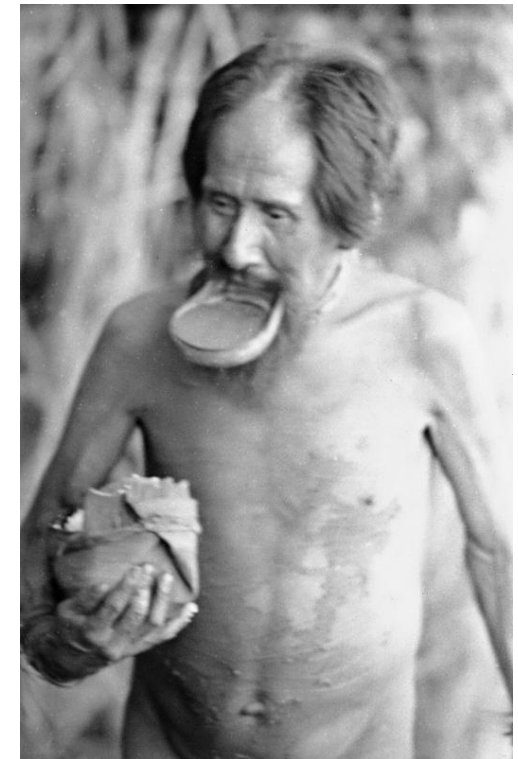
- Tapayuna (Beißo de Pau) – Grupo na extremidade oeste da distribuição de falantes de línguas da família Jê, originalmente localizados no Rio Arinos, afluente do Rio Juruena, por sua vez afluente do rio Tapajós.



Beißo-de-Pau warrior without his lip plate (Hetô). Photo: João Américo Peret, 1969.

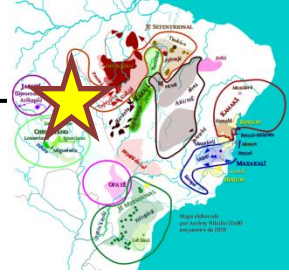


Tapayuna during contacts with the crew of a boat in the Arinos river region. Photo: João Américo Peret, 1969



Tapayuna transportando mel. Foto: João Américo Peret, 1969

Jê



Alargadores

- Rikbaktsa (Canoeiro) – Não pertencem à família Jê, mas ao tronco Macro-Jê

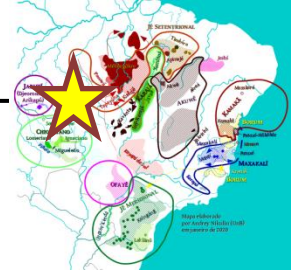


Geraldino Muitsy Rikbaktsa, do clã Makwaraktsa. Foto: Rinaldo S.V. Arruda, 1984



Foto: Pe. Antonio Iasi, 1985

Jê



Alargadores

- Rikbaktsa (Canoeiro) – Não pertencem à família Jê, mas ao tronco Macro-Jê



Foto: Missão Anchieta, 1959



Alargadores

- Segundo Metraux, com base nos cronistas do século XVI, **o grupo chiquitano [Bolívia] Churupa e Gorgotoqui utilizavam botoques de pedra e alargadores de madeira em suas orelhas.** O grupo Manasi utilizava **'nos beiços bitoques de prata'** (Silva 2007, pp42).
- Chiquitano eram produtores de milho e diversos tubérculos.
- Dormiam em redes e utilizavam adornos de prata e outro obtido dos incas.
- Nas aldeias existiam também as chamadas casas dos homens, espaço cerimonial onde ficavam os garotos na puberdade. Eram construções abertas, e lá recebiam os visitantes e faziam as festas.
- Os Chiquitano nunca foram navegantes, sua dispersão era abertamente terrestre, com tendência a buscar áreas de floresta entre as pequenas serras, onde abundavam os riachos.
- Para ellos la guerra era um espécie de desporto.

Jê

Rituais com máscaras

- Timbira/Canela (Maranhão) – Uso de máscaras em rituais



Rituais com máscaras

- Karajá (Goiás) – Uso de máscaras em rituais



Rituais com máscaras

- Karajá (Goiás) – Uso de máscaras em rituais



1. Kobuni-Masfentänzer.



2. Sadeni-Masfentänzer.

Jê

Rituais com máscaras

- Kayapó - Uso de máscaras em rituais



Rituais com máscaras

- Xerente - Uso de máscaras em rituais



Máscaras Padí com varas e cacetes. Foto: Curt Nimuendaju/Museu Nacional, 1937

Rituais com máscaras

- Pataxó (Maxacali)

Carvalho (1977: 98), afirma que os Pataxó relembram de uma época em que usavam máscaras rituais durante as atividades religiosas. Os rituais Maxakali exigem o uso de máscaras nos rituais para a sua realização (Nascimento, 1984).

Jê

Rituais com máscaras

- Bororo – Ritual Funerário. Homens vestidos em trajes feitos de folhas.



Jê

A corrida de toras Jê

- Corridas de toras era comuns a todos os grupos falantes do ramo cerratense da família linguística Jê. O único outro grupo macro-Jê onde se tem registro são os Kamakã.
- As populações do cerrado que não são Jê não praticavam corridas de tora.
- Por outro lado, alguns grupos do nordeste praticavam a corrida de toras (Nikulin 2020)

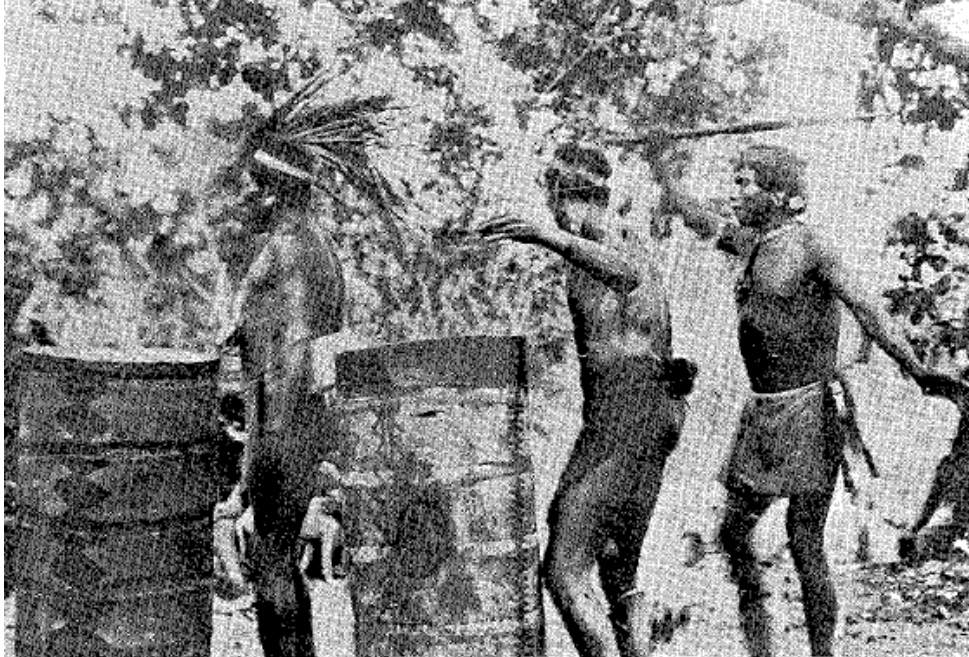


Timbira/Canela (Maranhão) – Corrida de toras

Jê

A corrida de toras Jê

- Corridas de toras era comuns a todos os grupos falantes do ramo cerratense da família linguística Jê. O único outro grupo macro-Jê onde se tem registro são os Kamakã.
- As populações do cerrado que não são Jê não praticavam corridas de tora.
- Por outro lado, alguns grupos do nordeste praticavam a corrida de toras (Nikulin 2020)



Apinajé – Corrida de toras

Jê

A corrida de toras Jê

- Corridas de toras era comuns a todos os grupos falantes do ramo cerratense da família linguística Jê. O único outro grupo macro-Jê onde se tem registro são os Kamakã.
- As populações do cerrado que não são Jê não praticavam corridas de tora.
- Por outro lado, alguns grupos do nordeste praticavam a corrida de toras (Nikulin 2020)



Krahô – Corrida de toras. Foto: Michel Pellanders, 1988

Jê

A corrida de toras Jê – Kayapó do Norte

-Corridas de toras entre Kaiapó do Norte



Kaiapó – Corrida de toras

Jê

A corrida de toras Jê - Xavante

- Corridas de toras entre os Xavante.
- Corrida de até 10km, toras pesando ca. 100kg e dois 'times'.
- Treinamento físico seria razão subjacente?



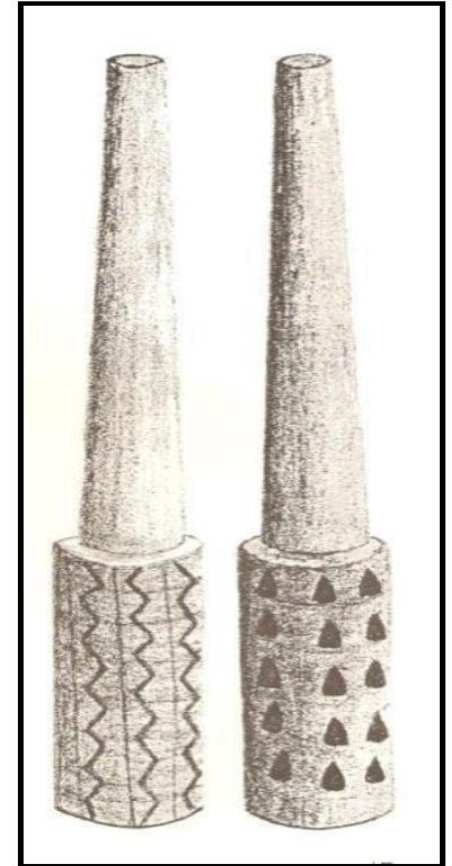
Jê

A corrida de toras Jê - Xerente

-Corridas de toras entre os Xerente.



Dança ao redor das toras de corrida. Foto: Curt Nimuendaju/Museu Nacional, 1930



Jê

A corrida de toras Jê - Kamakã

- Spix e Martius (1865-1866) descrevem a existência de corrida de toras entre os Kamakã.
- Seria o único caso de uma população do tronco linguístico macro-Jê, fora da família Jê, a praticar corrida de toras.

“Apresentando-se diversos pretendentes a uma noiva, decide-se a questão às vezes por meio de prova, vencendo aquele que puder **correr maior distância, levando um toro de madeira de oito a nove arrobas, uso que eles têm comum com os caiapós, aos quais muito se assemelham também em outros pontos**” (pg. 259 do volume II, edição de 2014).

Jê

A corrida de toras Jê – Kayapó do Sul

- Saint-Hilaire e Pohl descrevem a existência de corrida de toras entre os Kayapó do Sul (apud Mead 2010).
- Seria o caso mais ao sul deste corridas de toras que se tem documentado.



Jê

A corrida de toras Jê – Kayapó do Sul

- Saint-Hilaire e Pohl descrevem a existência de corrida de toras entre os Kayapó do Sul (apud Mead 2010).
- Seria o caso mais ao sul deste corridas de toras que se tem documentado. Prática compartilhada por ampla área do território brasileiro.



Jê

A 'corrida de toras' não Jê

- Bororo – Ritual funerário envolve o erguimento de pesado fardo.

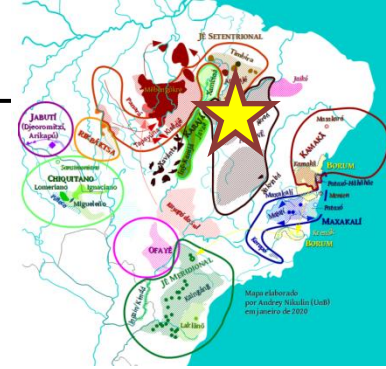
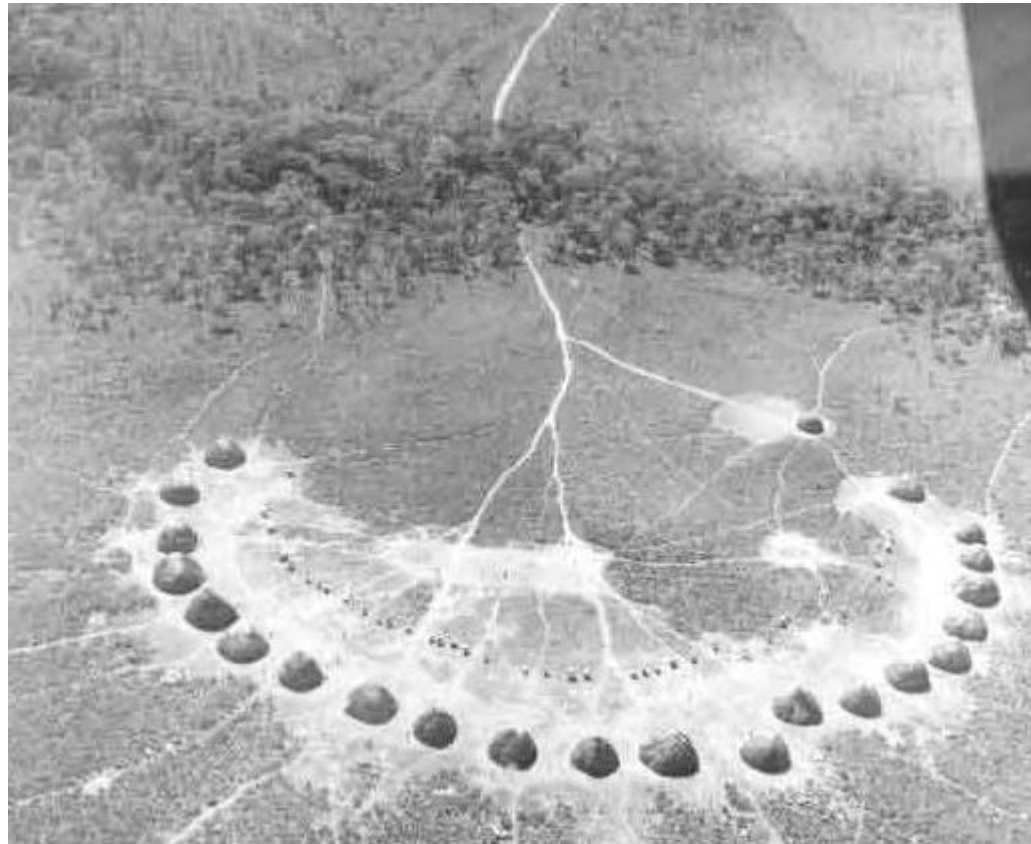


Jê

Aldeias Circular – Jê central

Aldeia Xavante – Círculo Aberto (ferradura)

Foto: Eredit Verger, década de 1960



Jê

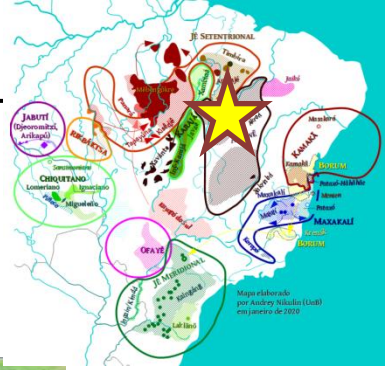
Aldeias Circular – Jê central



Jê

Aldeias Circular – Jê central

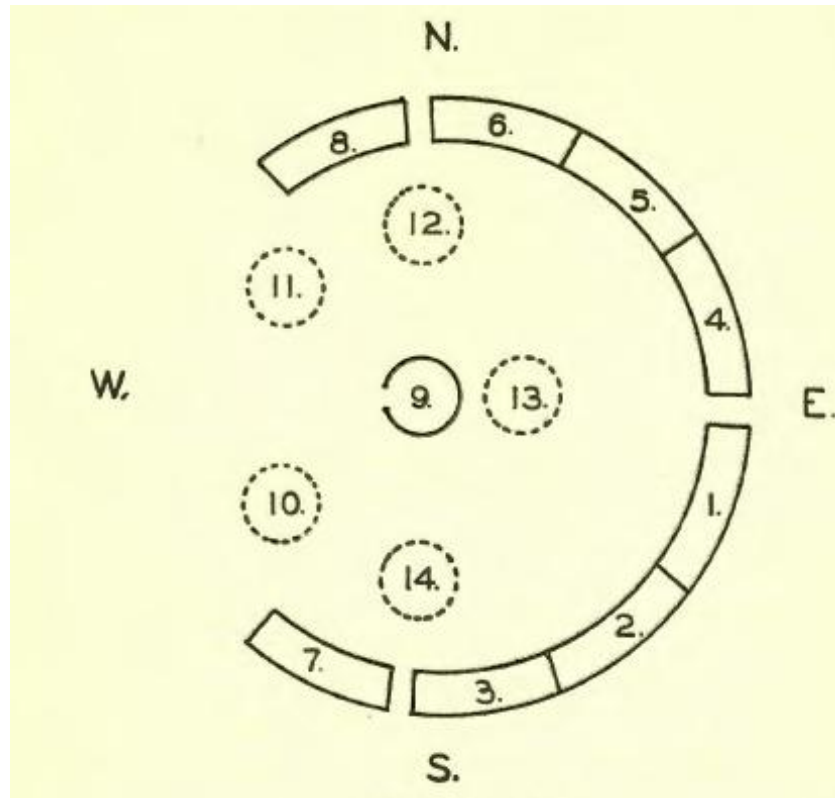
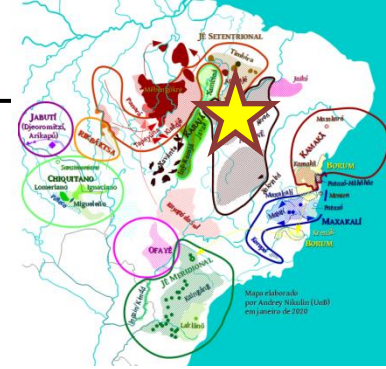
- Aldeia abandonada Xavante



Jê

Aldeias Circular – Jê central

- Representação esquemática feita por Nimuendaju de aldeia Xerente – ferradura ou círculo semi-aberto. Presença de ‘casa dos homens’ no centro do pátio.



Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Ramkokamekrá (Canela-Timbira) – Círculo Fechado

Foto: ca. 1970

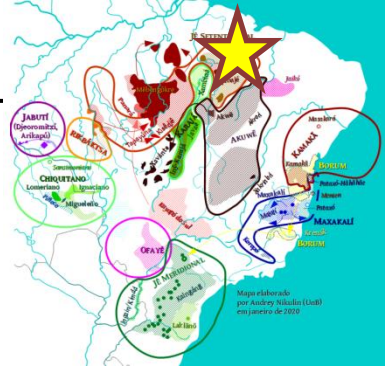


Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Ramkokamekrá (Canela-Timbira) – Círculo Fechado

Foto: ca. 1970



Vista aérea da aldeia de Escalvado. Foto: Ray Roberts Brown, 1970.

Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Ramkokamekrá (Canela-Timbira) – Círculo Fechado

Desenho: Nimuendaju 1946

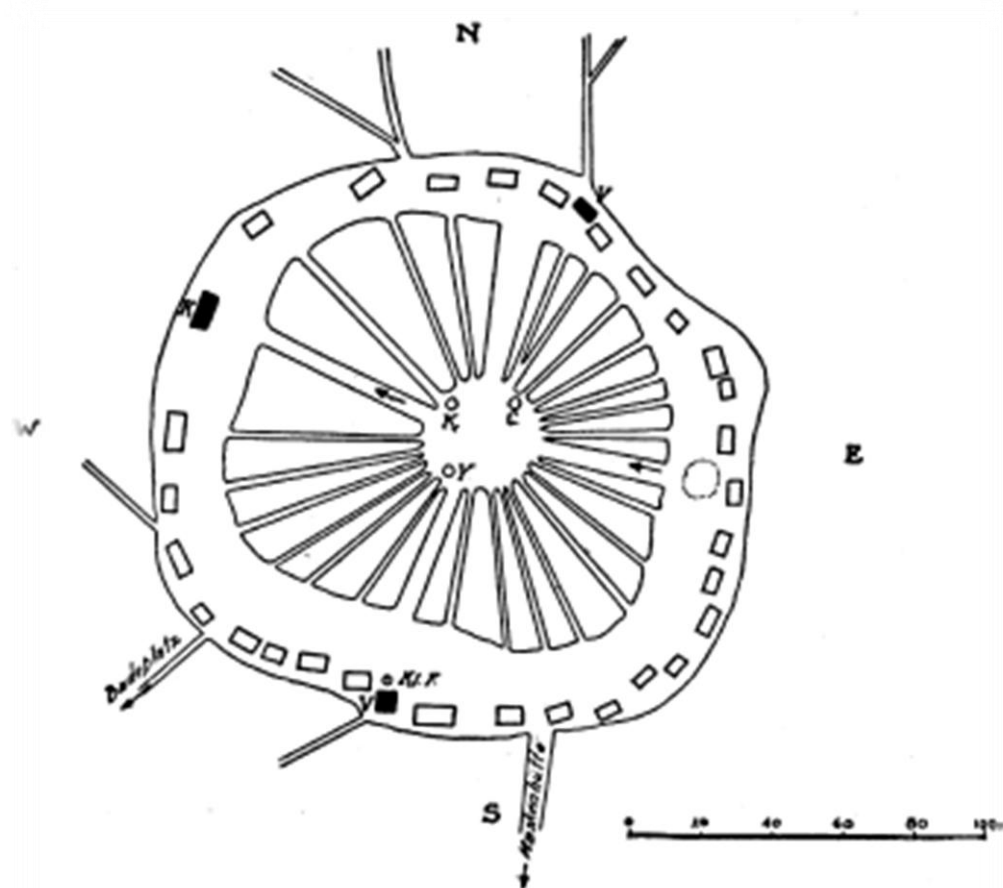
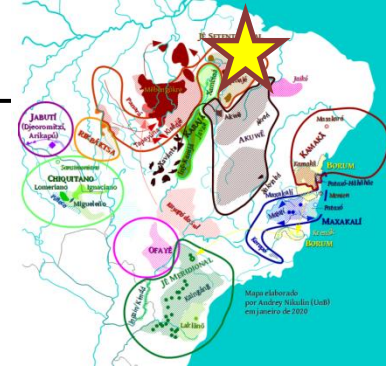


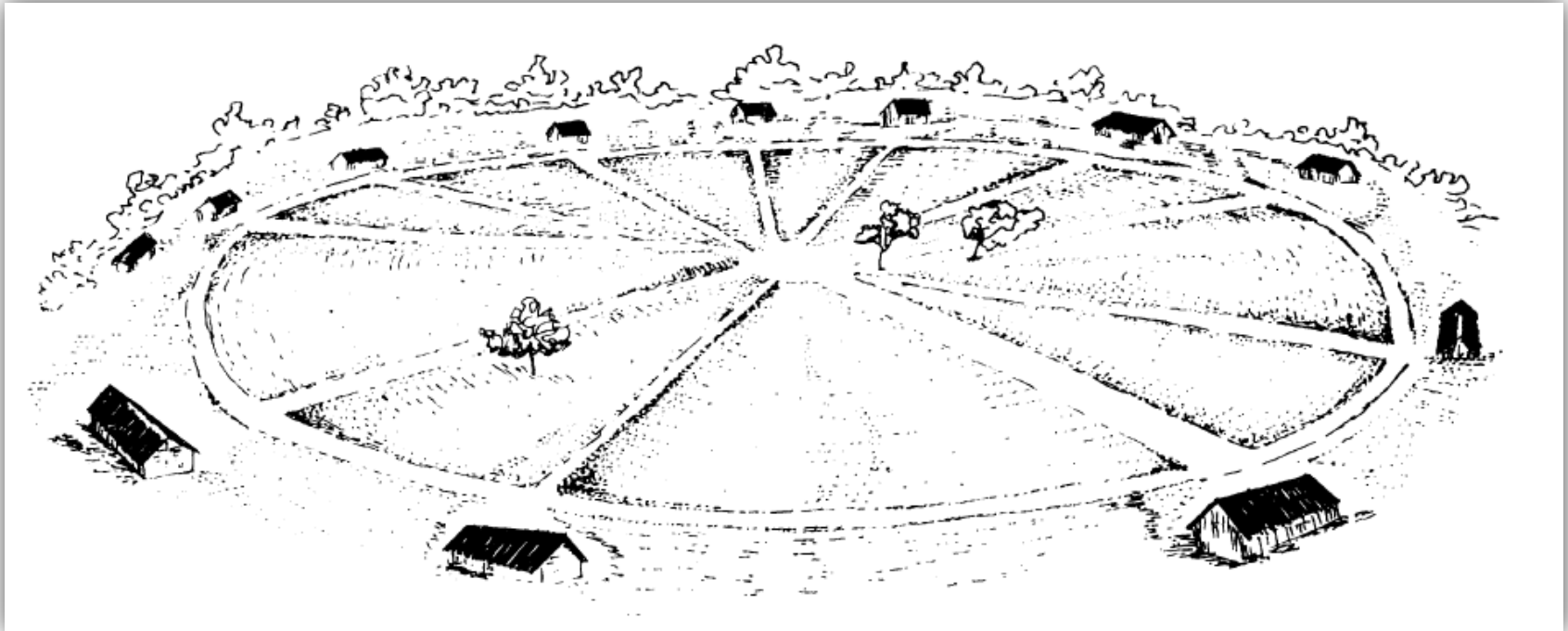
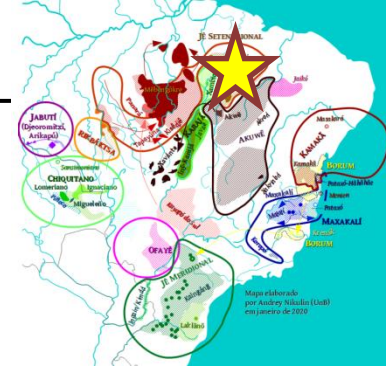
Fig. 1. Plan of Canela village. .

Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Krahô – Círculo Fechado

Desenho: Melatti, 1986 (apud Wüst 1999)



Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Krahô (vila de Pedra Branca) - Círculo Fechado

Foto: Nimuendaju, 1946

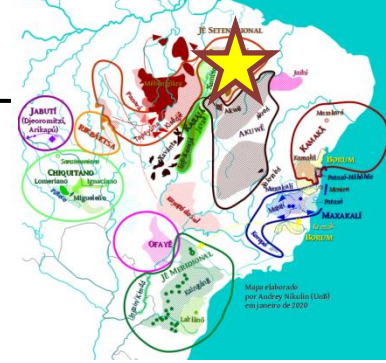


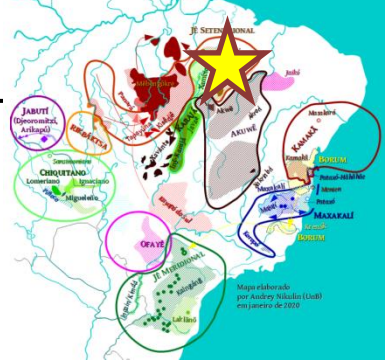
Foto: Vincent Carelli, 1983

Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Krahô (vila de Pedra Branca) - Círculo Fechado

Foto: Nimuendaju, 1946



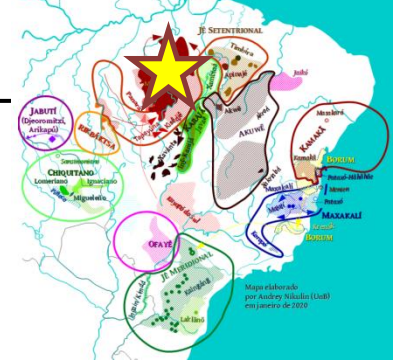
Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Mekranoti (Kayapó do Norte) – Círculo fechado duplo

Minimizar área a ser desmatada?

Foto: ca. 1978



Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

Aldeia Mekranoti (Kayapó do Norte) – Círculo fechado

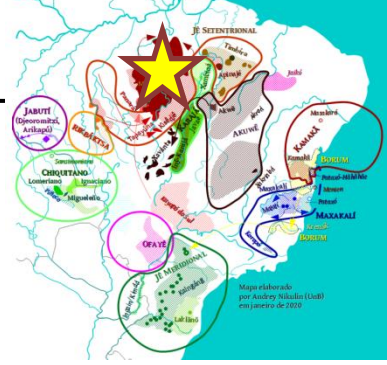


Foto aérea da aldeia circular dos Mekrãgnoti, tendo ao centro a casa dos homens.

Foto: Gustaaf Verswijver, 1991

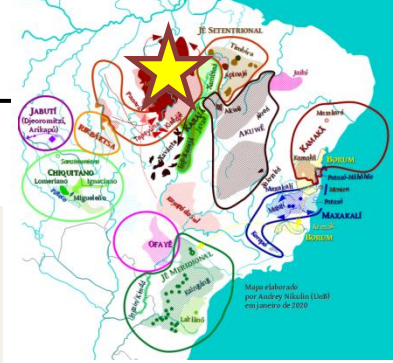
Jê

Aldeias Circular – Jê setentrional

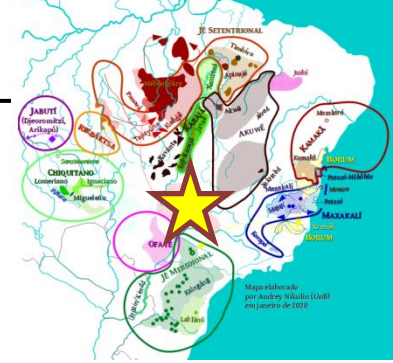
Aldeia Kayapó – Círculo Fechado

Foto: Ewart 2000

Quantidade de casas = ca. 40 || População = ca. 500 pessoas



Jê



Aldeias Circular – Kayapó do Sul

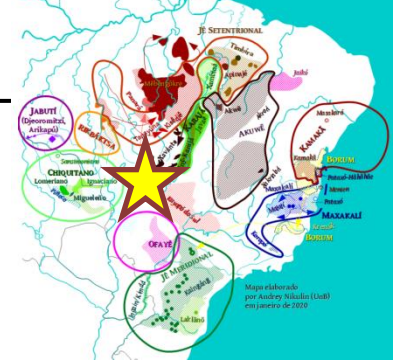
- Os Kayapó do Sul – ainda que os mais divergentes lingüística e geograficamente dos demais Jê centrais e setentrionais – tinham todas as características típicas dessas sociedades, incluindo a aldeia circular, o uso de alargadores de lábio e orelha, corrida de troncos, hábito de fazer *trekking*, etc.
- A aldeia em círculo fechado mostra forte associação entre classificação linguística e cultural, apesar de descontinuidade geográfica.

The village was circular and built around a central plaza. There were ten huts on the periphery and —in the middle of them [...] a hut that seemed to be owned in common. This was **the men's house**. It was filled with heavy logs, which, because the ends of these were hollow, Florence (n.d.:36) thought to be drums. In fact, these **logs were used during races**; the cavities merely provided racers with a grip to secure the heavy load on their shoulders during the race (baseado na expedição de Langsdorff, sobre aldeia localizada na confluência do Tietê e do Paraná) [apud Mead 2010]

Jê

Aldeias circular Bororo – o ápice não Jê?

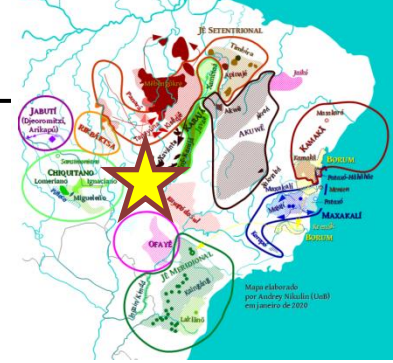
Aldeia Bororo



Aldeia Bororo – Foto Sylvia Caiubi 1997

De acordo com Lowie (1946) os Bororos recordam de um período no qual as aldeias eram compostas de círculos concêntricos, com casas do mesma clã posicionadas umas atrás das outras.

Jê



Aldeias circular Bororo – o ápice não Jê?

Aldeia Bororo



Aldeia Bororo – Foto Sylvia Caiubi 1997

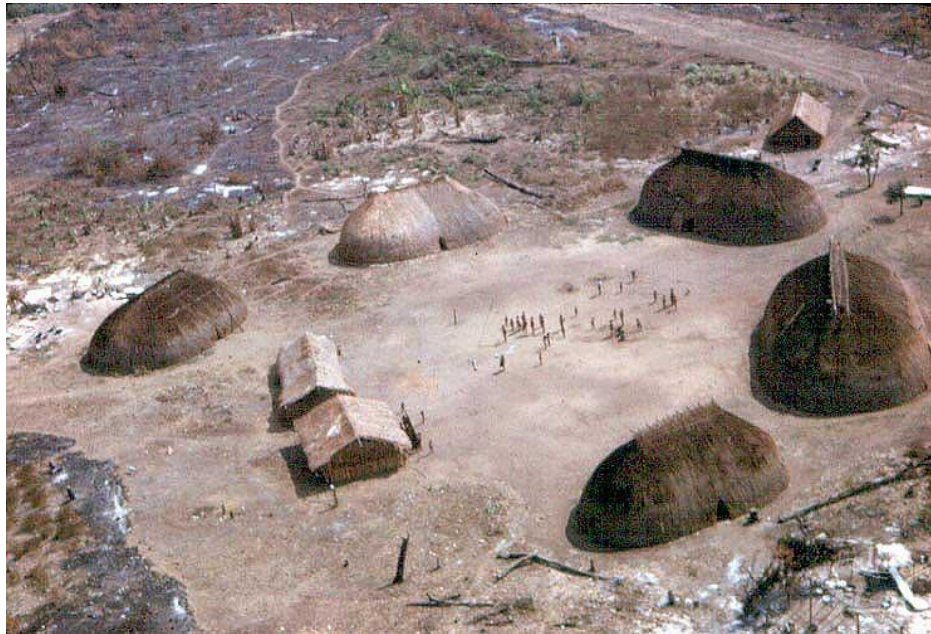
Segundo Colbacchini & Albisetti (1942) há notícias de **antigas aldeias [Bororo] que comportaram 5 a mais anéis concêntricos de casas**, e a planta de uma aldeia, provavelmente contatada por membros da comissão Rondon, **evidencia 140 unidades residenciais, ordenadas em três anéis concêntricos** (Rondon & Faria, 1948). Partindo-se do parâmetro de uma, duas ou três famílias nucleares por casa chegar-se-ia, apenas para esta aldeia, a uma população que varia de 600 e **1.800 indivíduos**.

Jê

Aldeias circulares – Fenômeno Social Total

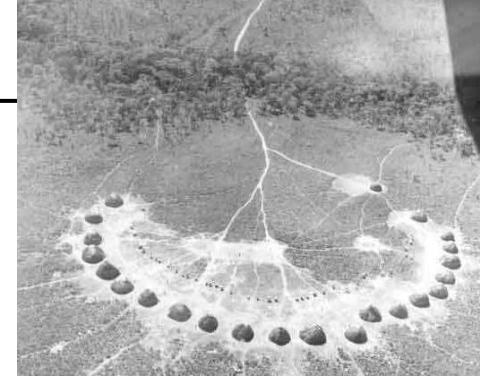
- A organização da aldeia é uma marca identitária central na existência de diversos povos do Brasil central – em sua maioria Jê - com implicações sociológicas, cosmológicas, rituais e cerimoniais.

os Suyá (orientais) referem-se a si mesmos como **me kin seji**, "o povo dos grandes sítios circulares (Souza 2002)



Última aldeia Suyá antes do contato permanente com os irmãos Villas Bôas e o Alto Xingu. Foto: Harold Schultz, 1959

Aldeias circulares, sociedades dialéticas

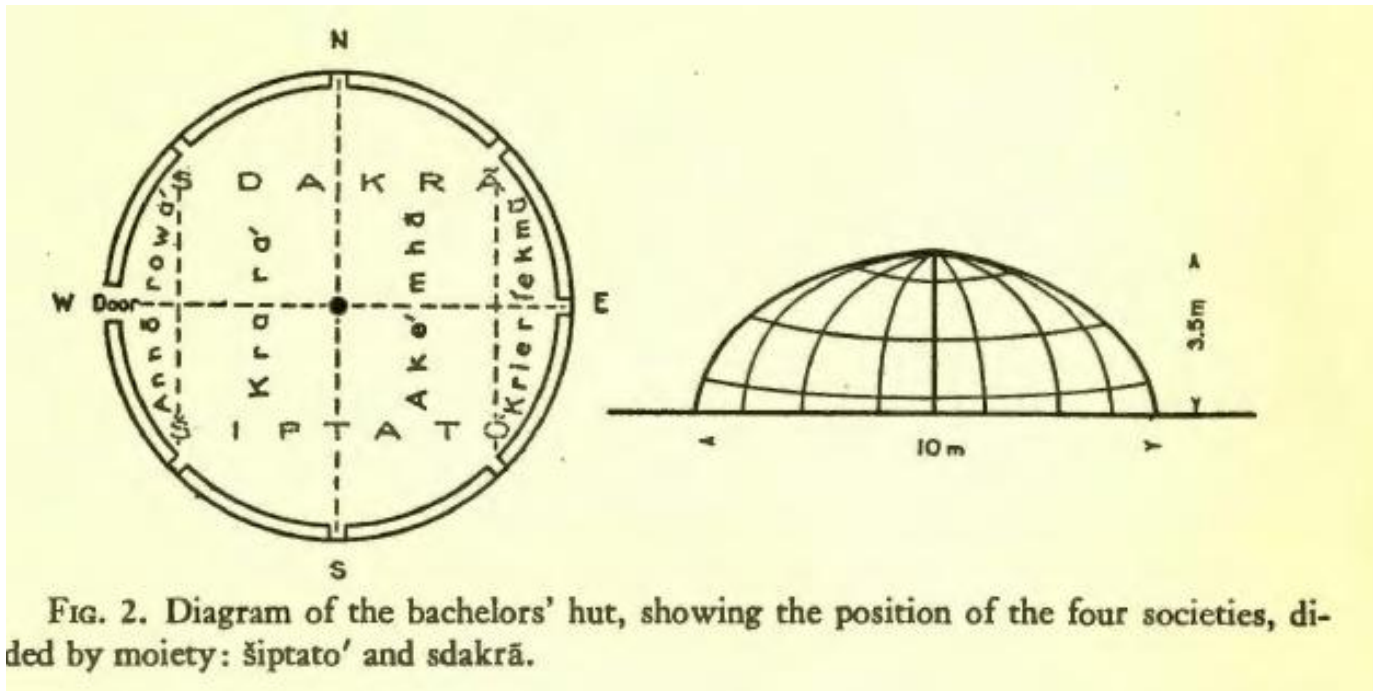


Entre os Xavante, a aldeia semicircular característica exprime, como a de seus congêneres setentrionais, **a divisão entre uma esfera feminina, constituída pelas unidades domésticas matrilocais que formam o semicírculo de casas, e uma esfera masculina, materializada no espaço central onde se localiza o ponto de reunião (*warã*) dos homens maduros.**

A esta estrutura concêntrica sobrepõe-se uma **divisão em três (patri)clãs nomeados. Formando os dois primeiros, entre os quais vigora uma interdição de casamento, uma metade em oposição ao último** (*Maybury-Lewis* 1979:235, 329 n.5).

Aldeias circulares, sociedades dialéticas

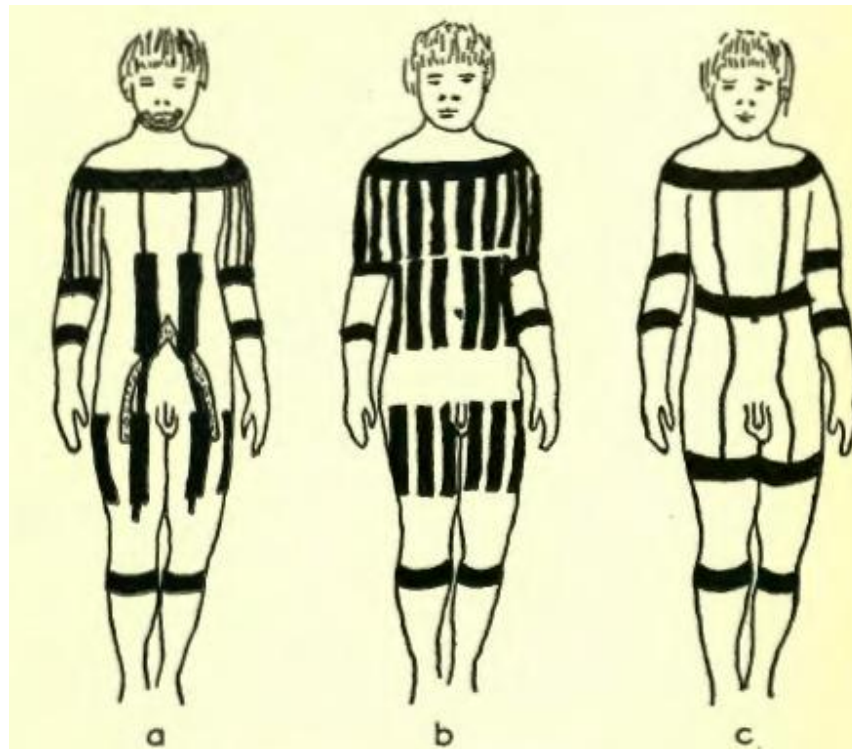
- Representação esquemática de casa dos homens solteiros Xerente.
- Divisão em metades e 'clãs'.



Jê

Sociedades dialéticas

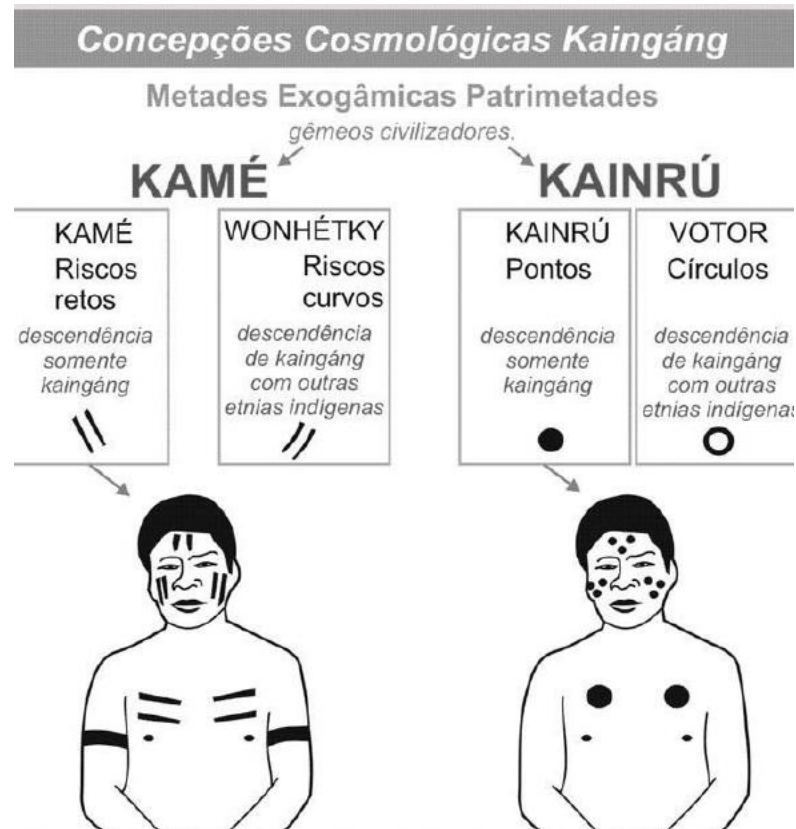
- Pintura corporal Xerente identifica indivíduos das distintas classes de idade.



Jê

Os povos Jê – Organização Dualista

- É comum existirem divisões dualistas entre as sociedades Jê. Um exemplo é a divisão da população em duas metades – que podem ter função marital (exogâmica), ritual e econômica.



Jê

Sociedades dialéticas

- Todos os homens da sociedade Xavante pertencem a uma classe de idade. Este pertencimento/esta classificação é de fundamental importância na vida social trazendo com si prescrições econômicas (e.g. com quem compartilhar a caça), rituais (e.g. quem tem que chorar o morto) e sociais.



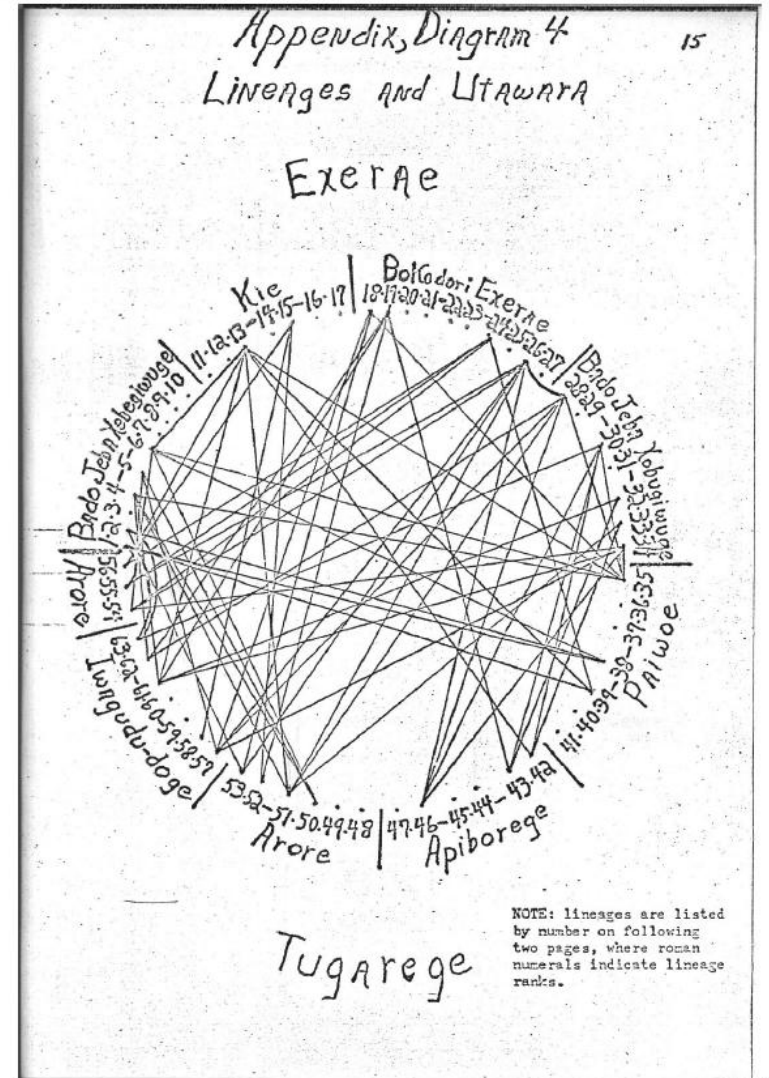
Grupo de waptés (pré-iniciados) saem do Hö (Casa de Solteiros). Foto: Rosa Gauditano

Jê

Aldeias circulares, sociedades dialéticas

- Sociedade Bororo talvez seja aquela onde a lógica dialética era não apenas mais intensa, como também a que mais tinha impressão na morfologia social.

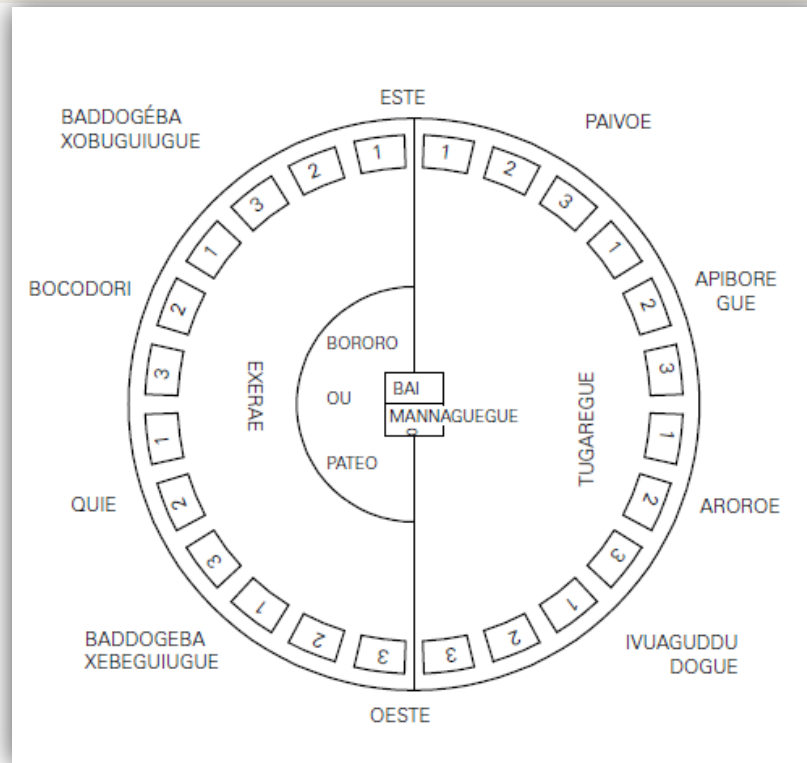
- Desenho de Levy-Strauss dos casamentos de uma aldeia Bororo -> a aldeia era, em grande medida, uma unidade endogâmica.



Jê

Aldeias circulares, sociedades dialéticas

- Organização dualista. Dicotomia concêntrica entre centro (*Bororo* significa pátio da aldeia) e periferia expressa duas oposições: 1-) Masculino vs. Feminino e, 2-) Sagrado vs. Profano.
- Organização dualista. Dicotomia diametral: aldeia é dividida em duas metades exogâmicas (*Exerae* e *Tugaregue*), sendo cada metade sub-dividida em quatro clãs principais, que por sua vez são compostos de diversas linhagens (matrilocal e matrilinear).



Jê

Os povos Jê – Organização Dualista

- É comum existirem divisões dualistas entre as sociedades Jê. Um exemplo é a divisão da população em duas metades – que podem ter função marital (exogâmica), ritual e econômica.

Entre os Xavante “os primeiros membros de uma das **metades exogâmicas** (*poreza’õno* ou *öwawe*) que chegarem ao local onde o **caçador** (da outra metade) abateu o animal podem solicitar determinadas partes do mesmo. Ainda que essa partilha varie segundo a espécie de caça, o padrão mais comum é aquele no qual os **homens da metade oposta àquela do caçador** **terem direito a uma das patas, porções do abdômen, lombo, fígado, cabeça e estômago** (Welch et al., 2013).

Jê

Aldeias circular, sociedades dialéticas – ‘marginais’?

A padronização do formato da aldeia, a densidade demográfica, a organização social, os rituais, a extensão geográfica, seriam compatíveis com ‘sociedades marginais’?

Jê

Aldeias circular, sociedades dialéticas – ‘marginais’?

Nimuendaju e o „contra-senso“ Jê: complexa organização social, intensa elaboração simbólica e institucional e, em contrapartida, uma vida material simples, sem grande desenvolvimento tecnológico.

Jê

Aldeias circular, sociedades dialéticas – ‘marginais’?

De modo sucinto, os Jê chamaram atenção porque ali estava, **no meio do imenso cerrado que é o Brasil Central, um conjunto de tribos sem redes, com uma agricultura pouco desenvolvida e sem cerâmica, mas com uma organização social que era, no mínimo, sofisticada.** (DaMatta1976a, p.16)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Ambiente marginal?



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

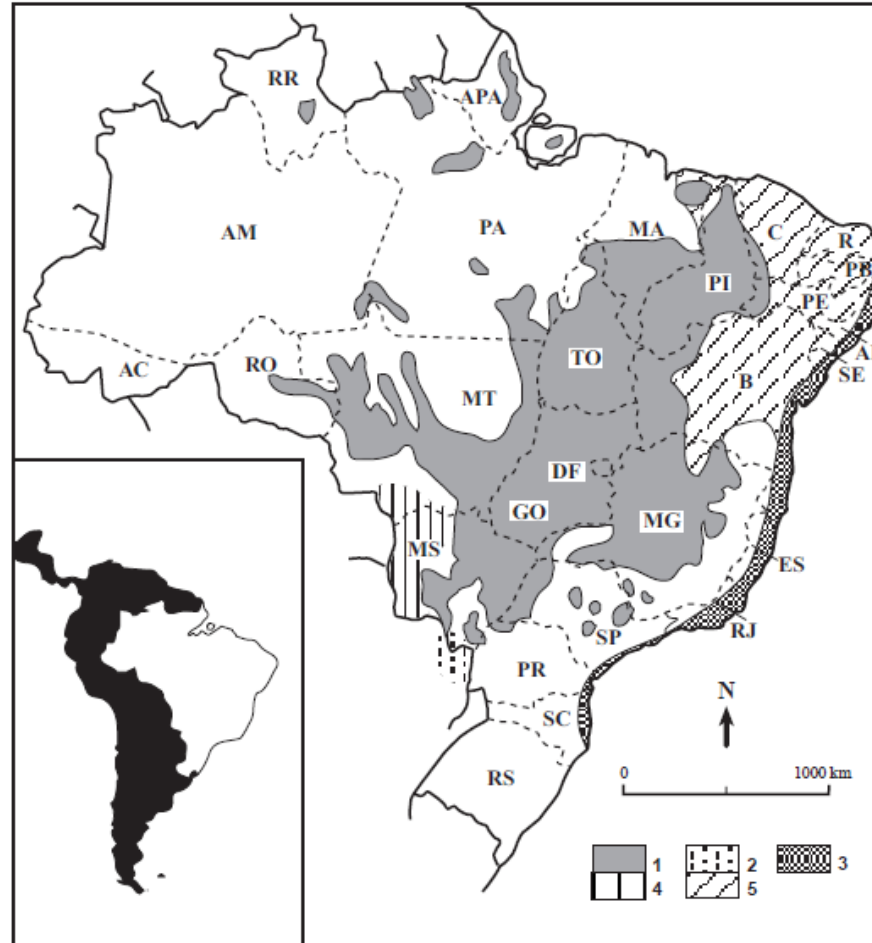
- Cerrado recobre um quinto do território brasileiro.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Cerrado recobre um quinto do território brasileiro.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A vegetação adaptada ao fogo que inclui árvores e arbustos contorcidos e com casca grossa e rugosa.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A vegetação adaptada ao fogo que inclui árvores e arbustos contorcidos e com casca grossa e rugosa.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Cerrado também inclui florestas de galeria ao longo dos cursos da água, além de áreas de concentração de palmeiras e de floresta mais densa (cerradão).
- Estações secas e úmida marcadas. Precipitação entre 1000 e 1500mm ao ano.
- Solos relativamente pobres em nutrientes.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

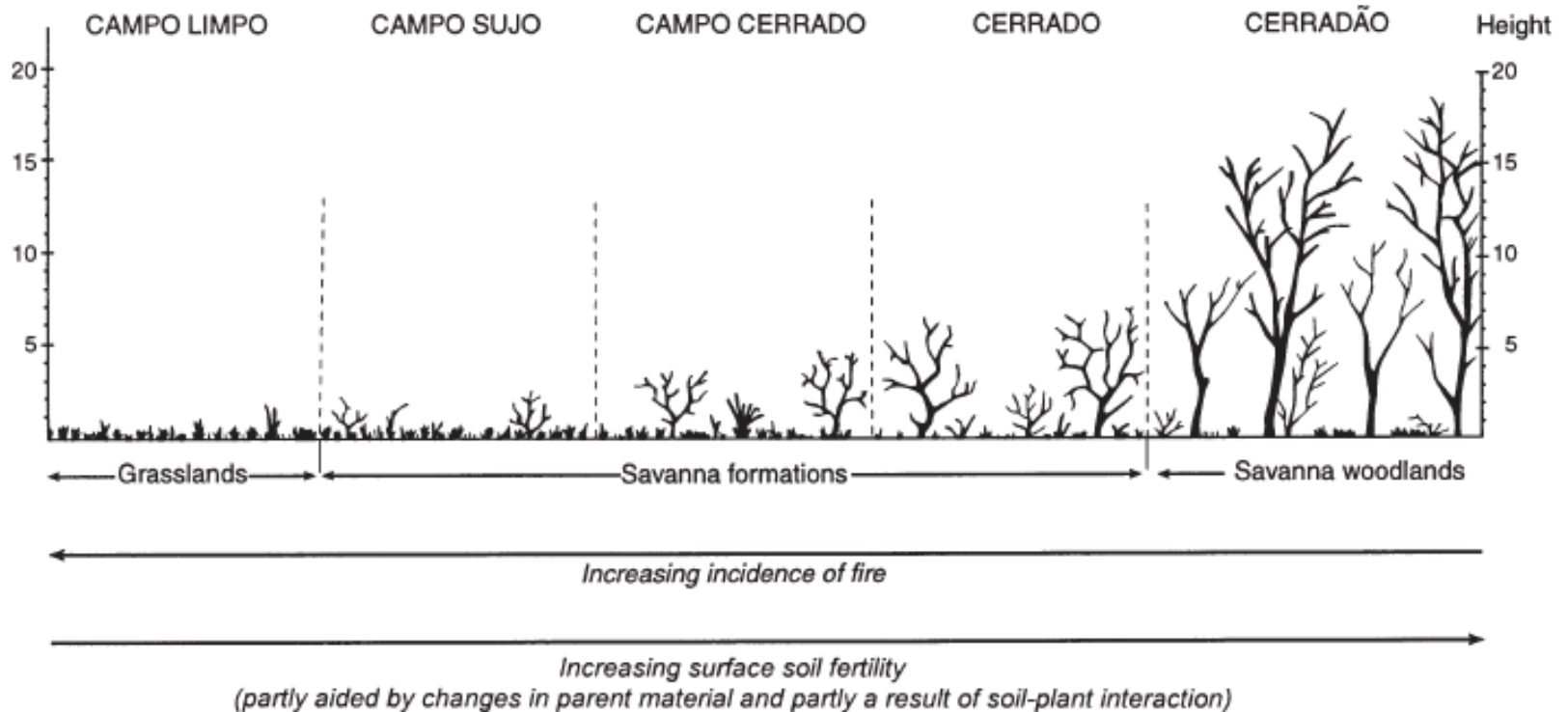
- Cerrado também inclui florestas de galeria ao longo dos cursos da água, além de áreas de concentração de palmeiras e de floresta mais densa (cerradão).
- Estações secas e úmida marcadas. Precipitação entre 1000 e 1500mm ao ano.
- Solos relativamente pobres em nutrientes.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

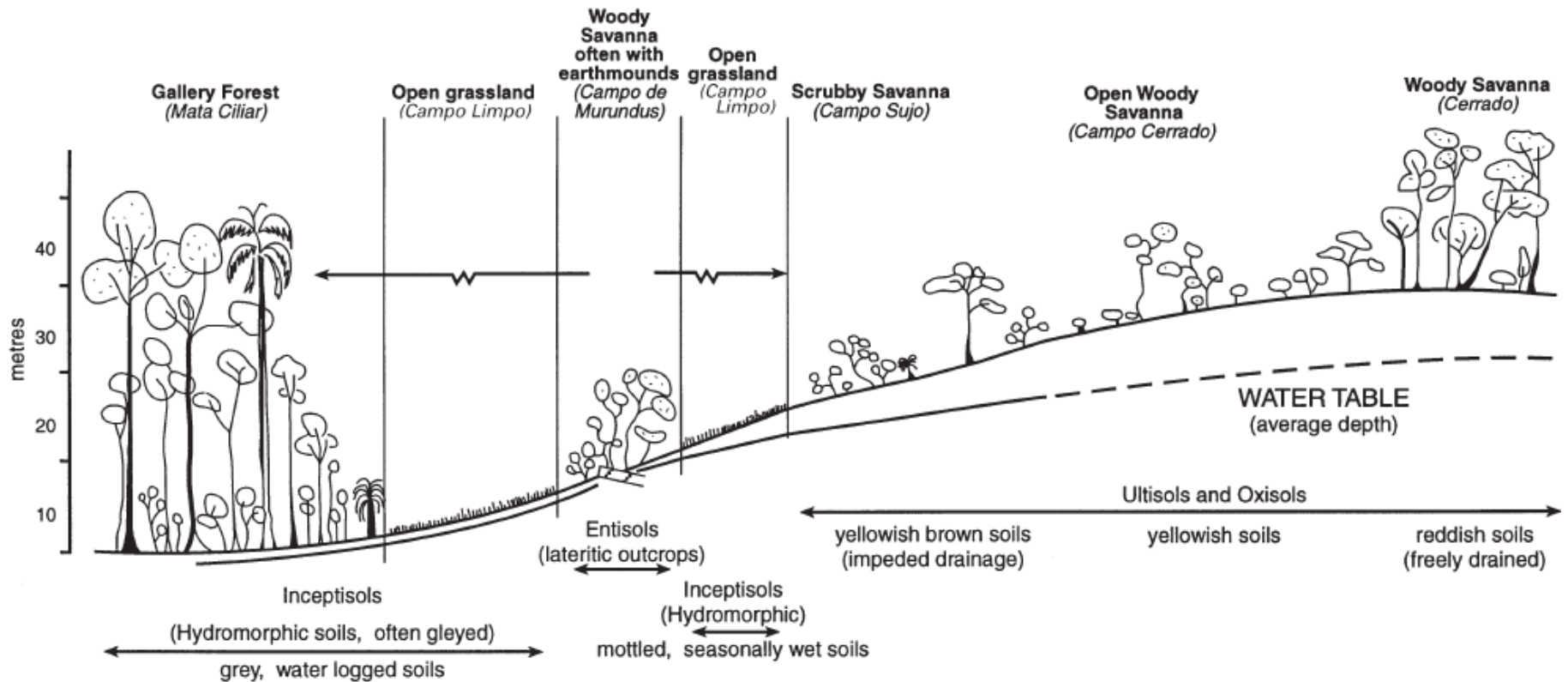
- Cerrado também inclui florestas de galeria ao longo dos cursos da água, além de áreas de concentração de palmeiras e de floresta mais densa (cerradão).
- Estações secas e úmida marcadas. Precipitação entre 1000 e 1500mm ao ano.
- Solos relativamente pobres em nutriente.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Cerrado também inclui florestas de galeria ao longo dos cursos da água, além de áreas de concentração de palmeiras e de floresta mais densa (cerradão).
- Estações secas e úmida marcadas. Precipitação entre 1000 e 1500mm ao ano.
- Solos relativamente pobres em nutriente.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Cerrado também inclui florestas de galeria ao longo dos cursos da água, além de áreas de concentração de palmeiras e de floresta mais densa (cerradão).
- Estações secas e úmida marcadas. Precipitação entre 1000 e 1500mm ao ano.
- Solos relativamente pobres em nutrientes.

Table 1. Characteristics of the subformations of Brazilian *cerrados* in the Triângulo Mineiro, Minas Gerais, central Brazil. Modified from Goodland & Ferri (1979). [The study covered 110 localities over an area of 23 km² in western Minas Gerais. Each locality or stand comprised 2–3 ha encompassing each of the sub systems.

	Cerradão	<i>Campo Cerrado</i>	Campo Sujo	Campo Limpo	Campo
	Savanna woodland	Woody savanna	Open shrubby savanna	Open shrubby grassland	Open grassland savanna
% canopy cover	46 (15–85)	19 (1–55)	3 (0–15)	1 (0–2)	< 1 (< 2)
General height (m) of tree stand	9 (6–18)	6 (4–8)	4 (3–6)	3 (1–5)	1 (< 5)
Number of trees/ha	3215 (1643–4925)	2253 (836–3976)	1408 (335–2928)	849 (266–2070)	< 850 < 266
Number of tree spp./stand	55 (40–72)	43 (26–60)	36 (18–52)	31 (19–43)	< 31 < 19

The range is shown in parentheses.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Cerrado como ambiente pobre, marginal e limitante.

Without tractors, limestone and chemical fertilizers, or organic farming methods, cultivation in the cerrado region is limited to the narrow strips of gallery forests where soil and moisture conditions support the growth of tropical subsistence crops (Gross 1979).

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- O papel da disponibilidade de recursos, em especial proteínas animal, em limitar/possibilitar o tamanho, densidade e permanência dos grupos humanos.

Protein Capture and Cultural Development in the Amazon Basin¹

DANIEL R. GROSS
Hunter College, CUNY

This paper examines the proposition that availability of animal protein limits the size, density, and permanence of settlements of the aboriginal societies of the Amazon Basin. Previous discussions have focused mainly on agricultural potential. Evidence is presented from ethnography and ecology suggesting that fish and game are scarce, particularly away from major rivers. Nine relatively unacculturated societies have relatively low but probably adequate per capita intake of animal protein. The effects which this limitation may have on Amazonian culture are discussed.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- O papel da disponibilidade de recursos, em especial proteínas animal, em limitar/possibilitar o tamanho, densidade e permanência dos grupos humanos.

Protein Capture and Cultural Development in the Amazon Basin¹

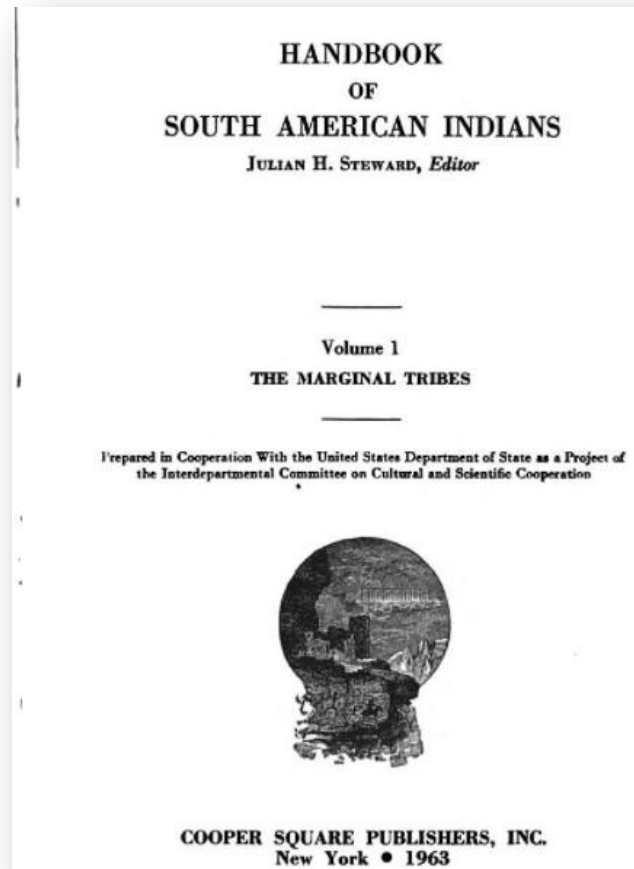
DANIEL R. GROSS
Hunter College, CUNY

This paper examines the proposition that availability of animal protein limits the size, density, and permanence of settlements of the aboriginal societies of the Amazon Basin. Previous discussions have focused mainly on agricultural potential. Evidence is presented from ethnography and ecology suggesting that fish and game are scarce, particularly away from major rivers. Nine relatively unacculturated societies have relatively low but probably adequate per capita intake of animal protein. The effects which this limitation may have on Amazonian culture are discussed.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

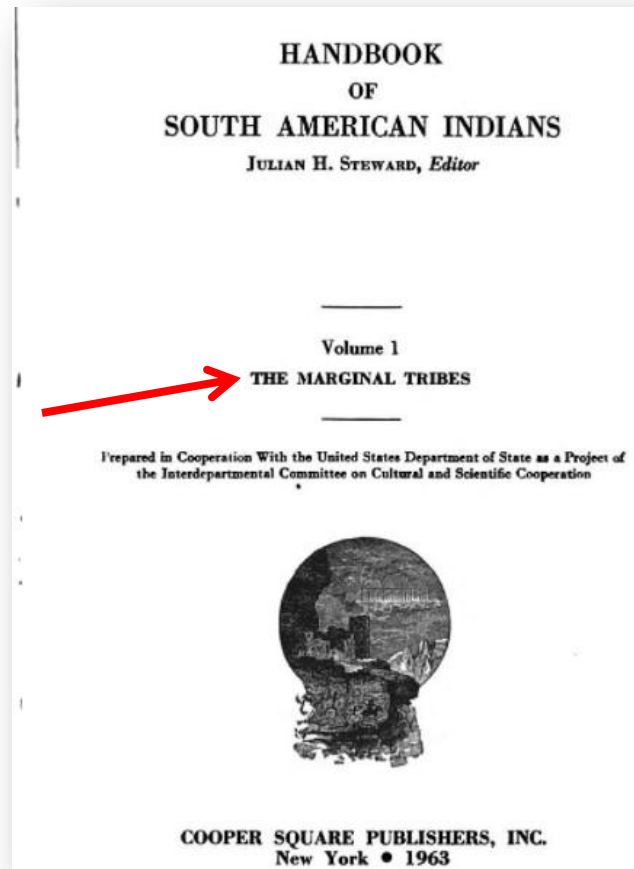
Handbook of South American Indians – Volume 1 ‘Tribos Marginais’



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

Handbook of South American Indians – Volume 1 ‘Tribos Marginais’



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A cultura do cerrado não poderia existir!

“There is no savannal culture. The savannal culture is but an attenuated replica of the silval. Pre-horticultural people as well as gardeners would have chosen the forest as a dwelling place, or stayed in the forest, if only they had an opportunity to do so. If the savannals are not in the forest it is not on account of a savannal culture of their own; it can only be because they were driven out of it. In this way were the Ge driven toward the interior by the great migrations of the Tupi (Lévi-Strauss 1944:45).

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A cultura do cerrado não poderia existir!... Mas existe...



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

- Na época do contato os Xavante plantavam milho, abóbora e feijão - POLICULTURA.
- Xavante possuem suas próprias variedades de milho, presumivelmente antiga e única – atestando para o fato de **que as populações Jê do Brasil Central praticavam a agricultura muito antes da invasão europeia.**
- Diferentes variedades possuem não apenas cores diferentes, mas também tempos de maturação específicos.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

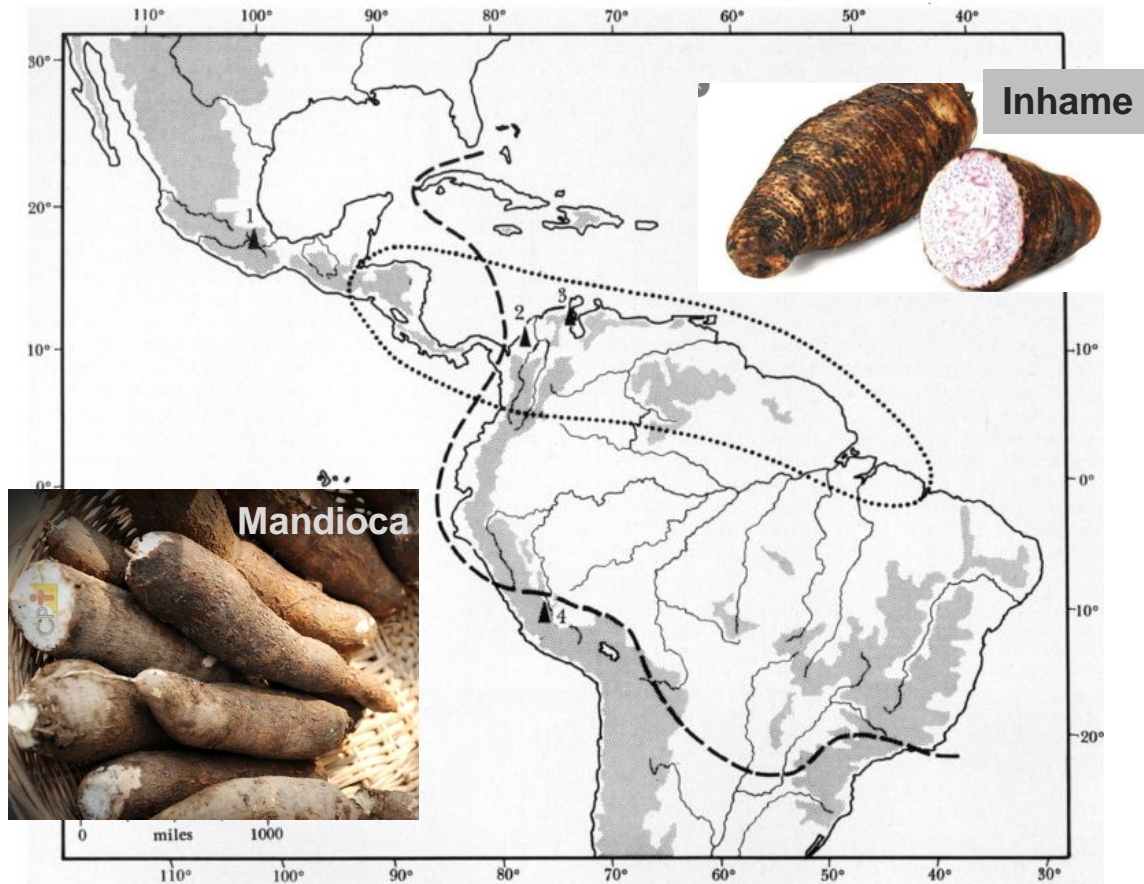
- Os Kayapó armazenavam o milho na própria roça.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

- Desde as primeiras observações de Maybury-Lewis os Xavantes já cultivavam mandioca.
Entretanto, ele é da opinião de que esta é uma adição recente – pós-contato - ao repertório Jê.



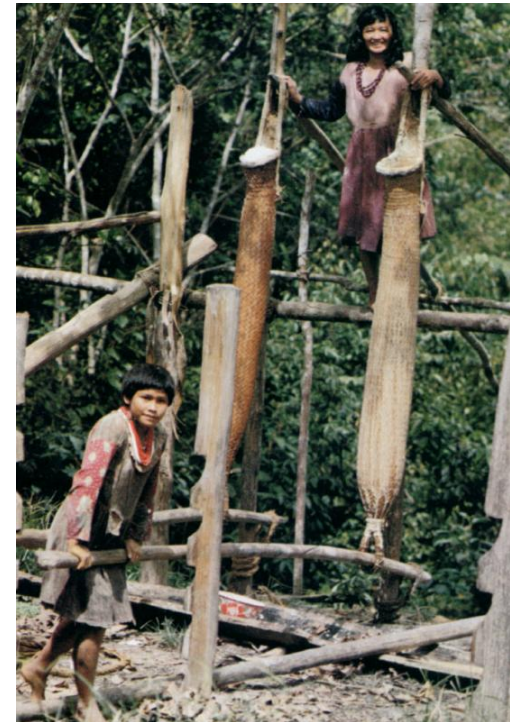
Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – Cultivo

- Ao que tudo indica, os grupos Jê do Brasil Central não costumavam processar a mandioca brava para adequação ao consumo (não consumiam).
- A ausência ou baixo ênfase na mandioca é usualmente atribuída aos grupos Jê – no registro arqueológico a ausência de ‘assadores’ é interpretada nessa linha.



Ralador feito de madeira e espinhos, etnia Mehinako (Museu de Arte Indígena)



Yanomami na Venezuela processando mandioca em um *tipiti* amarga para remover o ácido cianídrico.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – Cultivo

- Ao que tudo indica, os grupos Jê do Brasil Central não costumavam processar a mandioca brava para adequação ao consumo (não consumiam).
- A ausência ou baixo ênfase na mandioca é usualmente atribuída aos grupos Jê – no registro arqueológico a ausência de ‘assadores’ é interpretada nessa linha.



Teporí assando beiju em torrador de cerâmica sustentado sobre trempe de barro. Notar as panelas gameliformes usadas no processamento da mandioca. índios Yawalapití (Aruak), Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

- As roças eram abertas em matas ciliares, próximo à cursos de água. No cerrado aberto não se plantava.
- A limpeza da roça era tarefa masculina, levada a cabo nos primeiros meses da estação seca, de modo que a matéria orgânica seque e queime antes das primeiras chuvas.
- Locais de antigas ocupações, com presença de carvão e cerâmica, são reconhecidas como de alta fertilidade.



Roça limpa e plantada com mandioca, Venezuela (Harris 1972)



Roça Xavante (Welch 2013)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

- As roças eram abertas em matas ciliares, próximo à cursos de água. No cerrado aberto não se plantava.
- A limpeza da roça era tarefa masculina, levada a cabo nos primeiros meses da estação seca, de modo que a matéria orgânica seque e queime antes das primeiras chuvas.
- Locais de antigas ocupações, com presença de carvão e cerâmica, são reconhecidas como de alta fertilidade.



Venezuela, roça recém aberta (centro) e roça antiga (fundo)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Cultivo

- O período de seca impossibilita a plantação durante parte expressiva do ano. Assim, a observação etnográfica confirma que o cerrado não é um ambiente que permita uma 'horticultura intensiva'. Entretanto, talvez a importância do cultivo como mecanismo central na alimentação tenha sido superestimada. Existem outras maneiras de se conseguir comida no cerrado, muitas outras maneiras, muitas outras comidas.



Venezuela, roça recém aberta (centro) e roça antiga (fundo)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

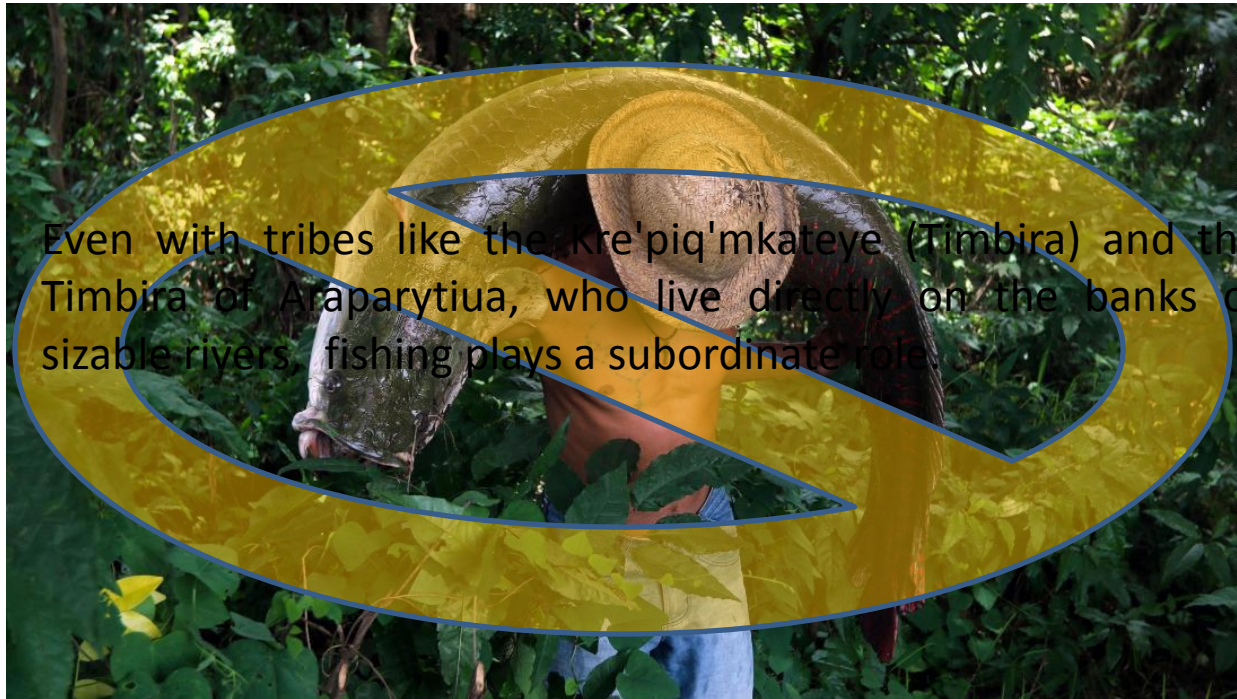
- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.



Even with tribes like the Kre'piq'mkateye (Timbira) and the Timbira of Araparytiua, who live directly on the banks of sizable rivers, fishing plays a subordinate role.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.

Even with tribes like the Kre'piq'mkateye (Timbira) and the Timbira of Araparytiua, who live directly on the banks of sizable rivers, fishing plays a subordinate role.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Coleta era atividade fundamental no fornecimento de alimentos e matéria prima.
- A riqueza dos itens disponíveis no cerrado para coleta foi amplamente subestimada pelos antropólogos.

Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos [ou Wedezé] não comiam carne todos os dias e chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão. (Maybury-Lewis, apud Welch 2013)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- As palmeiras são de fundamental importância no fornecimento de alimento (palmitos e cocos) e matéria prima.

-Babaçu (*Atallea speciosa*), tucumã (*Astrocaryum sp.*), macaúba (*Acromomia aculeata*)



Babaçu (*Atallea speciosa*)



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- As palmeiras são de fundamental importância no fornecimento de alimento (palmitos e cocos) e matéria prima.



Tucumã (*Astrocaryum sp.*)



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- As palmeiras são de fundamental importância no fornecimento de alimento (palmitos e cocos) e matéria prima.



Macaúba (*Acromomia aculeata*)



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- As palmeiras são de fundamental importância no fornecimento de alimento (palmitos e cocos) e matéria prima.



Buriti (*Mauritia flexuosa*)



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.



Jatobá - *Hymenaea courbaril*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.



Ingá – *Inga sp.*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.

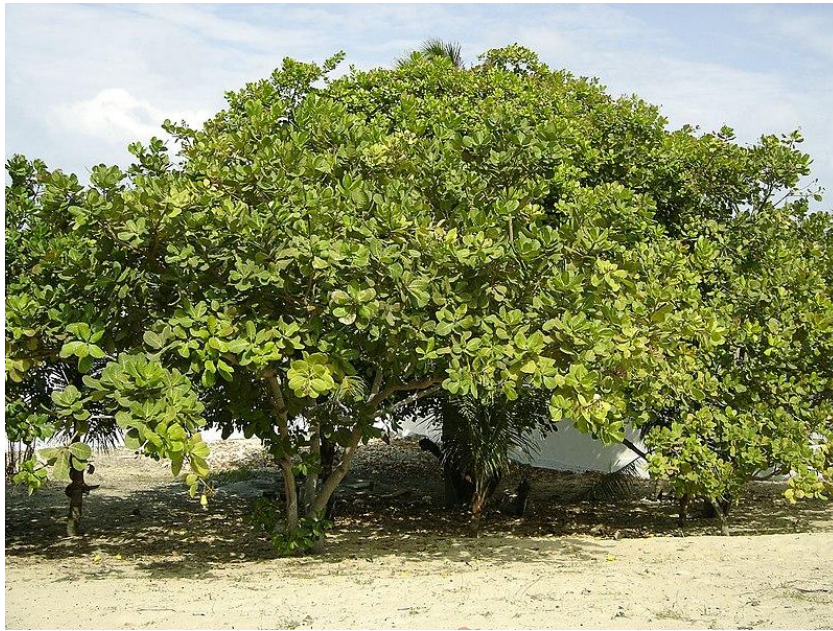


Pequi - *Caryocar brasiliense*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.



Caju - *Anacardium occidentale*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.



Murici – *Byrsonima crassifolia*



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Árvores fruteiras do cerrado são importantes fornecedoras de alimentos: jatobá, pequi, macaúba, ingá, caju, entre outras.



Mangaba – *Hancornia speciosa*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Existem diversas espécies de pequenas raízes e tubérculos disponíveis no cerrado.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Coleta

- Larvas e mel também são produtos abundantes no cerrado com alto valor nutricional/calórico.
- Exemplo: Xavantes identificam mais de dez variedades de mel produzidos por diferentes abelhas.
- Xavantes apreciam formigas saúva, gafanhotos, larva de abelha e de besouro.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Caça

- Caça é uma atividade importante não apenas para obtenção de alimentos, mas também nas esferas simbólicas e sociais. É uma atividade de prestígio.
- Dentre os animais caçados destaca-se a anta, a queixada, o caititu e veados.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Caça

- Caça coletiva, que resulta numa grande quantidade de animais, muitas vezes é feita para prover os alimentos necessários para cerimônias rituais, como casamento ou iniciação etária masculina.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Caça

- Caça coletiva, que resulta numa grande quantidade de animais, muitas vezes é feita para prover os alimentos necessários para cerimônias rituais, como casamento ou iniciação etária masculina.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Caça

- O uso do fogo é uma estratégia comum e eficaz utilizada por grupos do cerrado durante caças coletivas. Os caçadores ateam fogo num perímetro circular e no seu centro. O resultado é que, ao fugir desorientadamente e múltiplas direções os animais se tornam presas mais fáceis. Além disso, ao queimar a vegetação aumenta a visibilidade do caçador.
- Maior causa de internações em hospitais é problema pulmonar.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – Caça

- Flora e fauna do Cerrado são adaptadas ao fogo.
- Uma mesma área nunca é queimada em intervalos menores do que dois anos. Por outro lado, não se deve deixar passar muitos anos, pois a biomassa acumulada geraria incêndios muito fortes que poderiam matar até mesmo a vegetação do Cerrado.

Não queimado

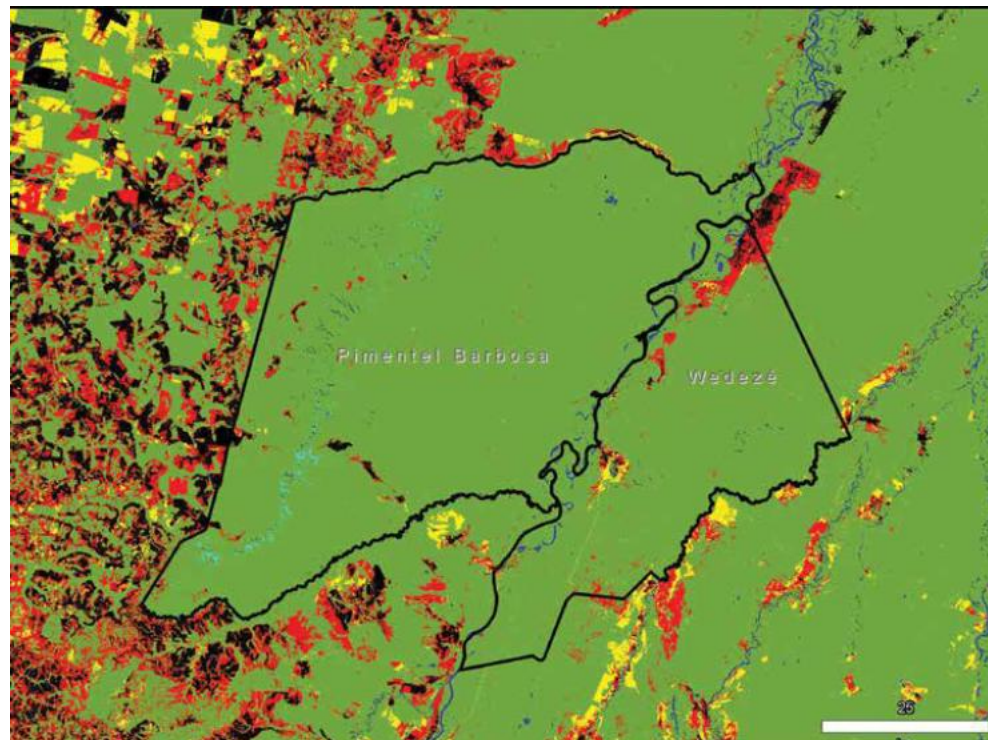


Queimada 4 semanas atrás

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – Caça

- Mapa mostrando contraste entre áreas desmatadas dentro e fora da terra indígena.



Jê

Fornos de chão - Kayapó

- Essa técnica para cozinhar os alimentos era muito comum – ainda que não exclusiva – de povos Jê.



Jê

Fornos de chão - Kayapó

- Essa técnica para cozinhar os alimentos era muito comum – ainda que não exclusiva – de povos Jê.



Jê

Fornos de chão - Kayapó

- Essa técnica para cozinhar os alimentos era muito comum – ainda que não exclusiva – de povos Jê.



Jê

Fornos de chão - Kayapó

- Essa técnica para cozinhar os alimentos era muito comum – ainda que não exclusiva – de povos Jê.



Jê

Fornos de chão - Kayapó

- Essa técnica para cozinhar os alimentos era muito comum – ainda que não exclusiva – de povos Jê.



Jê

Fornos de chão

- Timbira/Canela (Maranhão) – Torta de biju recheada com carne



Fornos de chão

- Ramkokamekrá (Canela – Timbira) (Maranhão) – Torta de biju recheada com carne sendo colocada no forno de pedra.



Canela Ramkokamekrá espalham pedras quentes com varas compridas antes de jogar berabas de mandioca sobre elas. Foto: William Crocker, 1960

Fornos de chão

- Kayapó Xikrin (Pará)



Mulheres preparando o alimento ritual no forno de pedra ki. Foto: Isabelle Vidal
Giannini-ISA, 1996

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – *Trekking*

- Diversos grupos fazem *trekking*: Sirionó, Bororo, Nambikwara, Xavante e Kaypó, dentre outros.
- O *trekking* envolve o deslocamento de homens, mulheres e crianças. Normalmente, são levados mantimentos (e.g. farinha de mandioca) e toda parafernália necessária para cozinhar.



Grupo Mekranoti (Kaypó do Norte) se preparando para deixar a aldeia para um *trekking*

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – *Trekking*

- Os Mekranoti (Kaypó) fazem *trekking* em grandes grupos, contrastando com a estratégia dos grupos do Brasil Central (e.g. Xavantes) que se dividem em grupos menores.
- A divisão em grupos menores diminui a competição entre caçadores, mas Werner argumenta que no caso de *trekking* em ambiente florestado o custo energético de abrir caminhos na selva é muito grande, tornando mais interessante o deslocamento coletivo.



Grupo Mekranoti (Kaypó do Norte), durante o *trekking* o grupo dorme sobre folhas de palmeiras ao ar livre.



Beiju com carne de caça

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – *Trekking*

- Muitos *trekking* tem como objetivo coletar os alimentos e materiais necessários para a realização de cerimônias e rituais.

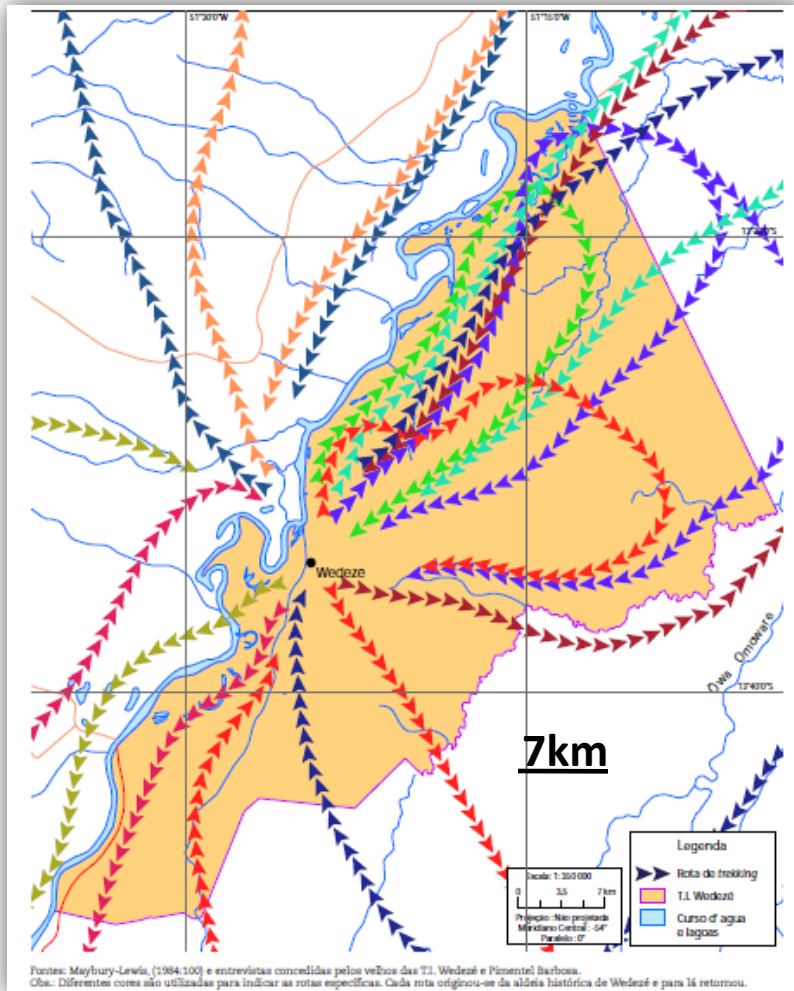


Grupo Mekranoti (Kayapó do Norte) retornando de um *trekking* em posse de uma expressiva carga de jabutis

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – *Trekking*

- *Trekking* teria razões econômicas (obtenção de recursos, proteínas, etc), mas também implicações sociais e simbólicas. Também podia ter motivação guerreira, deslocar para atacar inimigos.



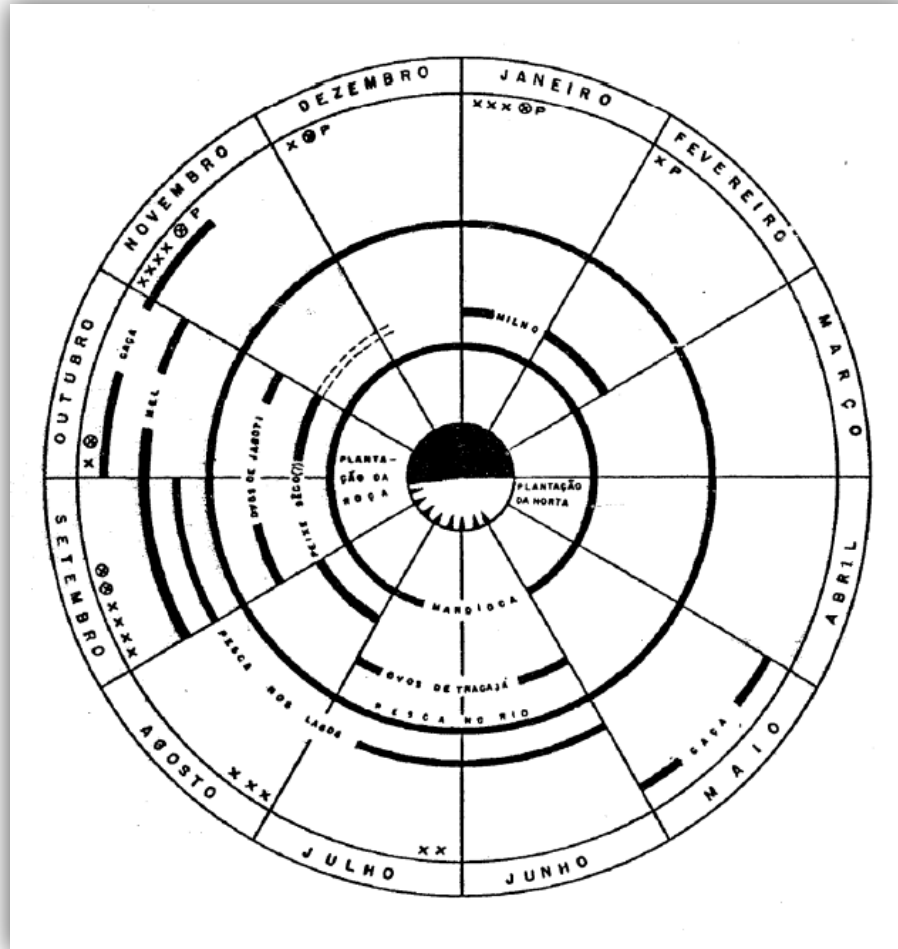
In 1947, one party [of Kayapó] traveled as far east as the Araguaia River to attack the Tapirapé Indians, while another section wandered westward to the Tapajos River—a distance of almost 800 kilometers (Werner, 1978).

Registro das rotas de *trekking* de grupos Xavantes.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – *Trekking*

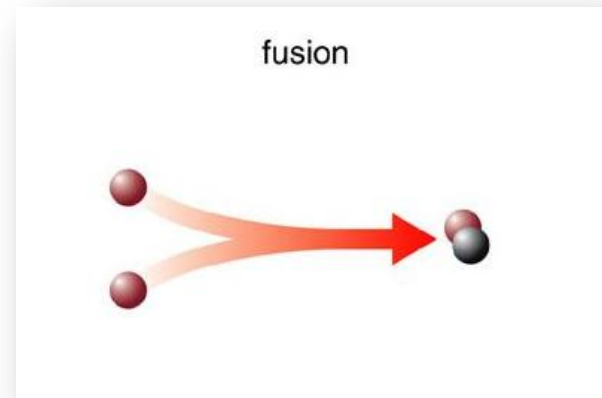
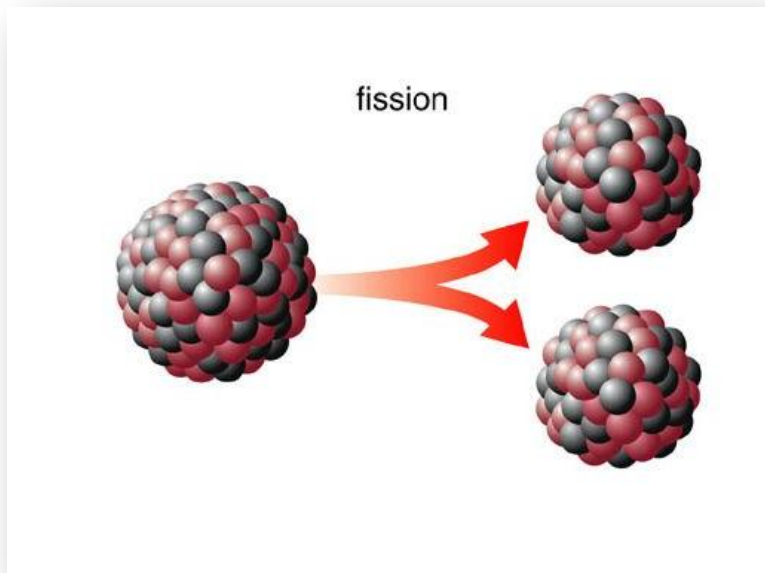
- *Trekking* teria razões econômicas (obtenção de recursos, proteínas, etc), mas também implicações sociais e simbólicas. Também podia ter motivação guerreira, deslocar para atacar inimigos.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado – Fissão, Fusão e Realocação

- Ainda que a fissão de aldeias seja um fenômeno freqüente entre populações humanas ao redor do globo, esse aspecto das sociedades Jê sempre foi enfatizado na literatura.
- Realocação de aldeias também são comuns. Tradicionalmente se supunha que a aldeia era realocada por consequência do esgotamento dos recursos disponíveis na área anteriormente habitada. Entretanto, há que se considerar que elementos sociais podem ser mais importantes na determinação destes processos.



Povos do cerrado

Foto da região rio dos Mortos - Xavante

Table 4. Time allocated per producer (in hours) to basic productive activities over 1 year in the four study communities [see (13)].

Community	Subsistence activities			Market activities	Total subsistence and market activities
	Wild foods	Garden	All foods		
Mekranoti	456.6	441.8	894.4	158.0	1056.4
Xavante (Pimentel Barbosa)	437.9	705.5	1143.4	268.0	1411.4
Bororo (Gomes Carneiro)	316.5	526.2	842.7	422.9	1265.6
Kanela (Ramkokamekra)	271.0	910.2	1181.2	542.0	1723.2

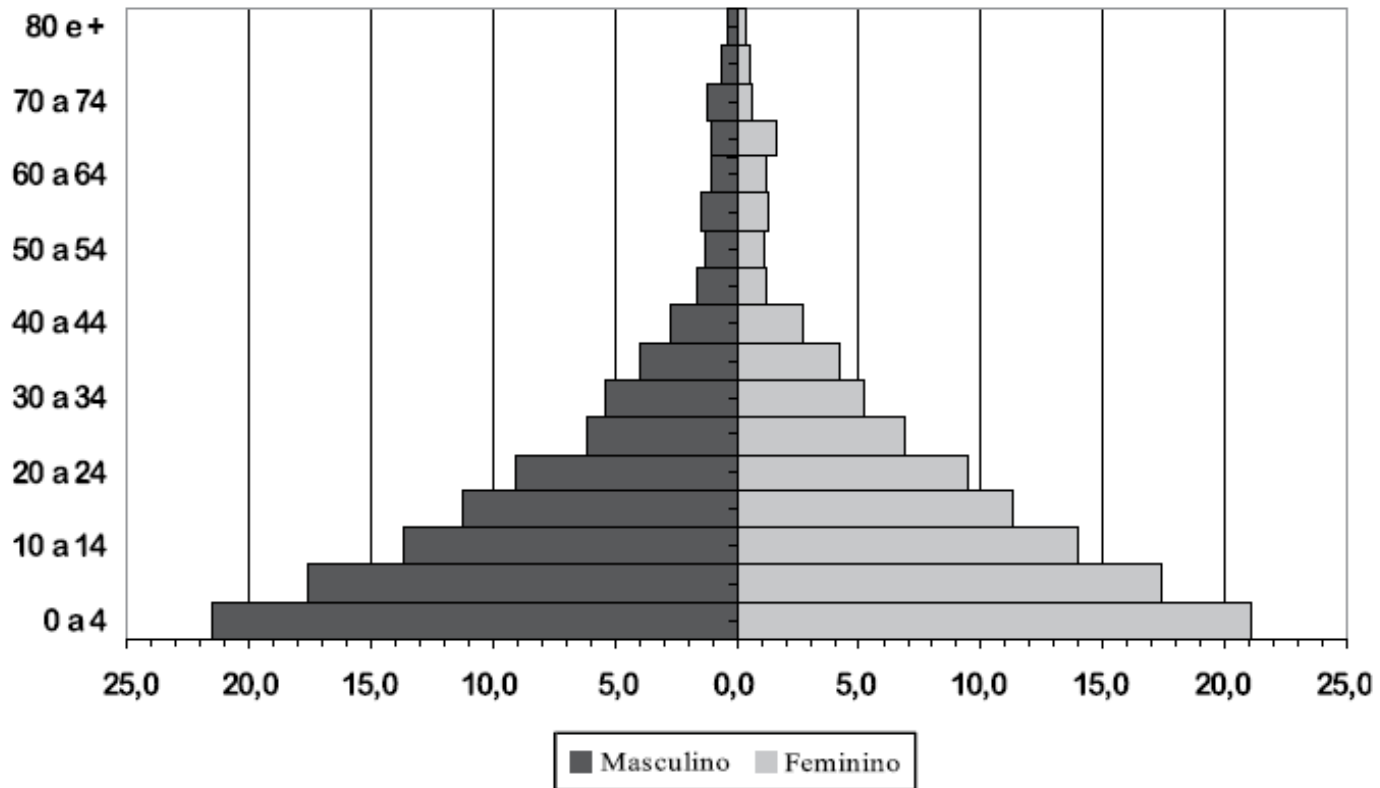
Table 5. Resistance to swidden, S , and its constituent variables in the four study communities. See text for definition of variables.

Community	L	D	A	Y	L/Y	S
Mekranoti	61,410	0.512	0.333	1078.6	56.1	9.71
Xavante (Pimentel Barbosa)	77,426	0.490	0.488	549.5	140.9	33.69
Bororo (Gomes Carneiro)	34,203	0.375	0.333	53.0	645.3	80.59
Kanela (Ramkokamekra)	256,676	0.476	0.598	1318.4	194.7	55.42

Jê

Demografia Jê – Povos do Cerrado

- Pirâmide etária Xavante em 2004.



Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Introdução de facões, machados e armas de fogo teve grande impacto na vida cotidiana dos grupos indígenas.



Xavantes, 1954 (Acervo do SPI)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Introdução de facões, machados e armas de fogo teve grande impacto na vida cotidiana dos grupos indígenas.



Xavantes, 1954 (Acervo do SPI)

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Atualmente, populações Xavantes se dedicam ao cultivo do arroz.



Xavantes, 2006 – Trabalho coletivo de ensacar o arroz.

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Atualmente, populações Xavantes se dedicam ao cultivo do arroz.

ATÉ QUE PONTO É POSSÍVEL PROJETER O
PRESENTE ETNOGRÁFICO PARA O
PASSADO PRÉ-CLONIAL?

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Refúgios de um genocídio.



Populações indígenas do Brasil no ano de 2008

Jê

Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- Atualmente, populações Xavantes se dedicam ao cultivo do arroz.

ATÉ QUE PONTO É POSSÍVEL PROJETAR O
PRESENTE ETNOGRÁFICO PARA O
PASSADO PRÉ-CLONIAL?

Os Bororos (Boe) – Funeral

A morte



Museu Bororo, UNB; Crocker 1990



Os Bororos (Boe) – Funeral

O primeiro enterro – cova rasa no centro da aldeia.



Novaes 2006

Os Bororos (Boe) – Funeral

O segundo enterro

O aroe-maiwu (alma nova) agora está pronto. Como o verdadeiro representante do morto, ele parece um sol esplendoroso e surge em um ritual que ocorre no pátio central da aldeia (Novaes 2006)



(Novaes 2006)

Os Bororos (Boe) – Funeral

O desenterro



Museu Bororo, UNB

Os Bororos (Boe) – Funeral

Re-enterro secundário



Jê

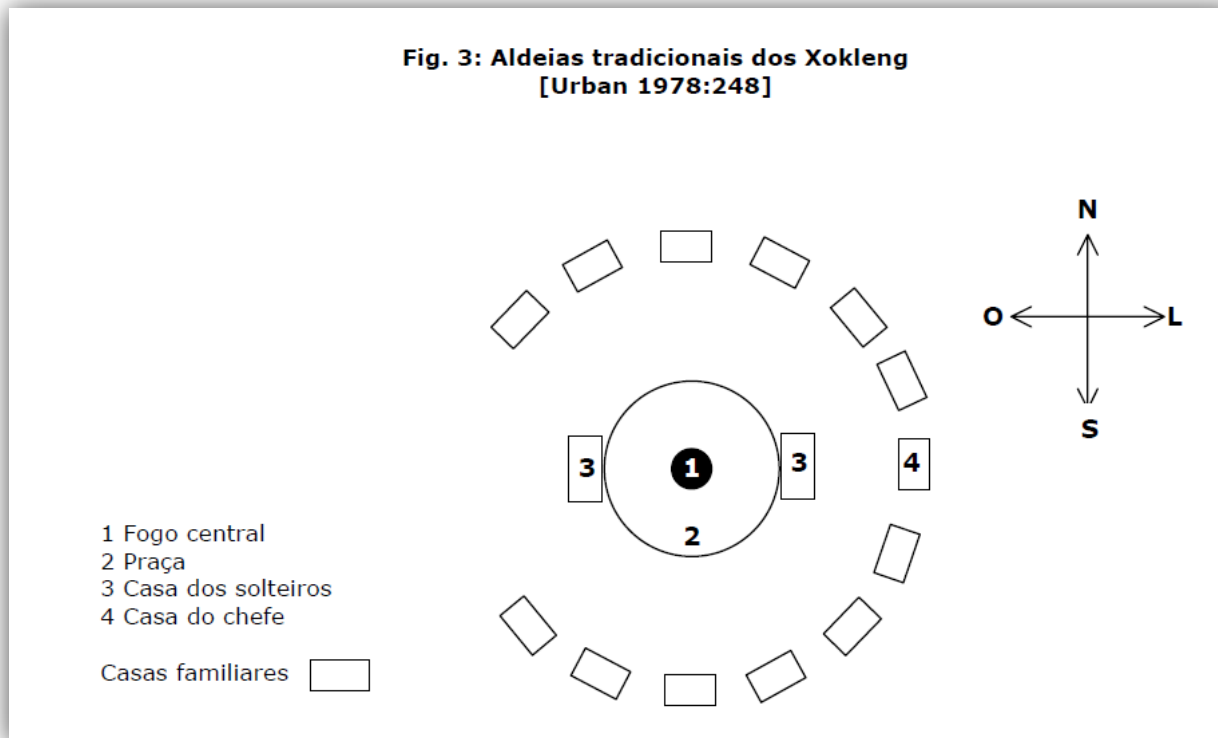
Aldeias circulares? – Jê do Sul

- Os mortos Kaingang eram enterrados em montículos funerários.



Aldeias circulares? – Jê do Sul

- A princípio Kaingang e Laklano não tinham aldeias circulares, ou pelo menos essas não foram documentados pelos etnólogos.
- Ainda assim, em São Paulo existem possíveis relatos de aldeias circular Kaingang.
- Mesmo entre os Laklano, que viviam como forrageadores nomades, havia memória dos tempos em que praticavam a agricultura e viviam em aldeias circulares abertas, semelhante a dos akwen.



Jê

Aldeias circulares? – Jê do Sul

- Os mortos Kaingang eram enterrados em montículos funerários.

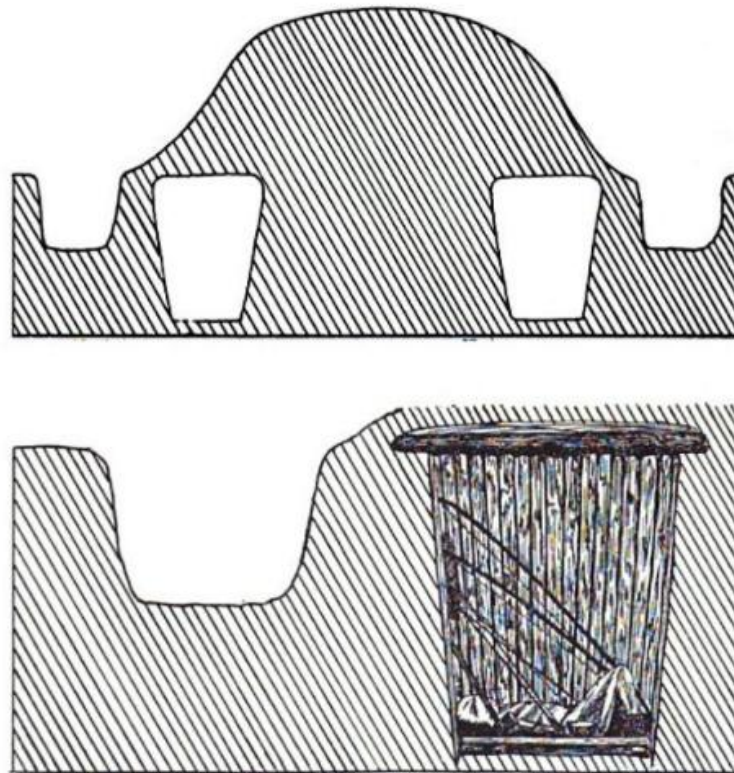


FIGURE 60.—Kaingang burial mound. *Top:* View of mound shortly after completion. *Center:* Cross section of mound showing location of burial chambers. *Bottom:* Cross section of burial chamber in mound with body and accompanying grave artifacts. (Redrawn from Manizer, 1930, p. 767.)

Digitalizado p

Jê

Os povos Jê

- Urban 1978 indica maior semelhança linguística e cultural entre Jê Setentrional e Jê Central, em contraste com Jê do Sul.

- First, whereas Northern and Central Jê all take a keen interest in the sport of log racing, I have found no evidence of this sport among Southern Jê.
- Second, whereas the former emphasize collective initiation rites for boys at puberty, among Southern Jê ceremonial emphasis is on death and spouse seclusion, with initiation rites being much less well-developed.
- Third, whereas among the former children are given names belonging to living adults, among Southern Jê names come from 'dead kinsmen only.

Sociedades dialéticas

Estamos diante de uma estrutura concentrica, plenamente consciente no pensamento indigena, na qual a relacao entre centro e periferia expressa duas oposicoes, uma entre *masculino* e *feminino*, como acabamos de ver, e outra entre *sagrado* e *profano*, uma vez que o conjunto central, formado pela casa dos homens e pelo patio de danca, serve de palco para a vida ritual, ao passo que a periferia e reservada para as atividades domesticas das mulheres, excluidas por natureza dos misterios da religiao (exemplo disso sao a fabricacao e manipulacao das flautas, que ocorrem na casa dos homens e que as mulheres nao podem ver, sob pena de morte).

Ethos Jê

Foto da região rio dos Mortos - Xavante

*Os Jê e Bororo possuem **uma organização social complexa**, onde se reencontram figuras clássicas da etnologia: **metades, sociedades cerimoniais, classes de idade, terminologias de parentesco de tipo „crowomaha“, ritos de iniciação, prestações cerimoniais, aldeias circulares...** (Viveiros de Castro, 1993, p.5)*

Ethos Jê - Guerra

Kaiapó estão entre os mais ferozes guerreiros descritos em território brasileiro.

The Kaiapó possessed one of the largest territories in eighteenth-century colonial Brazil. According to one contemporary commentato, they occupied an immense territory of many kingdoms and numerous villages in a circumference of ca. 5000 kilometers (Leme 1980; apud Mead 2010).

... they depopulated whole stretches of rivers... there are no other nations of because the said Kaiapó infest all. So aggressive were Kaiapó raids that the bandeirantes entering their territory encountered only their villages (Mead 2010).

Jê

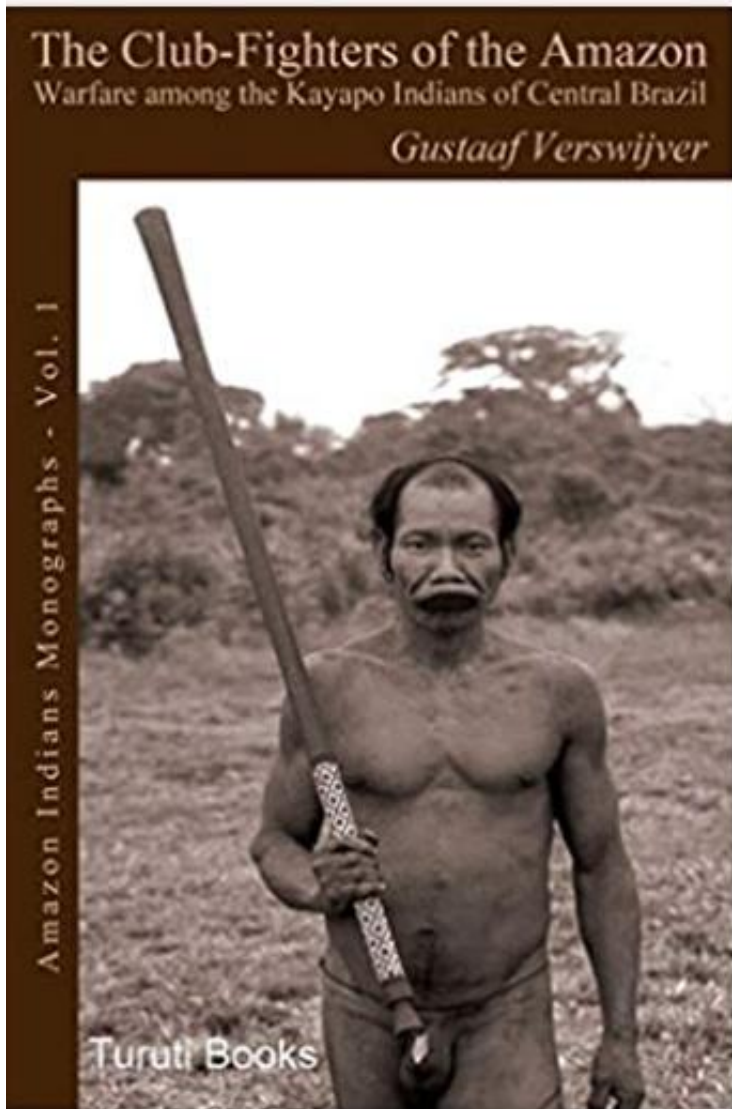
Subsistência Jê – Povos do Cerrado - Pesca

- A pesca era pouco comum antes do contato, ainda que fosse praticada.



COURTESY: JORDO CAMPOS-SILVA/JOSEPH HAWES

Etnografias para preparar PDF



Jê

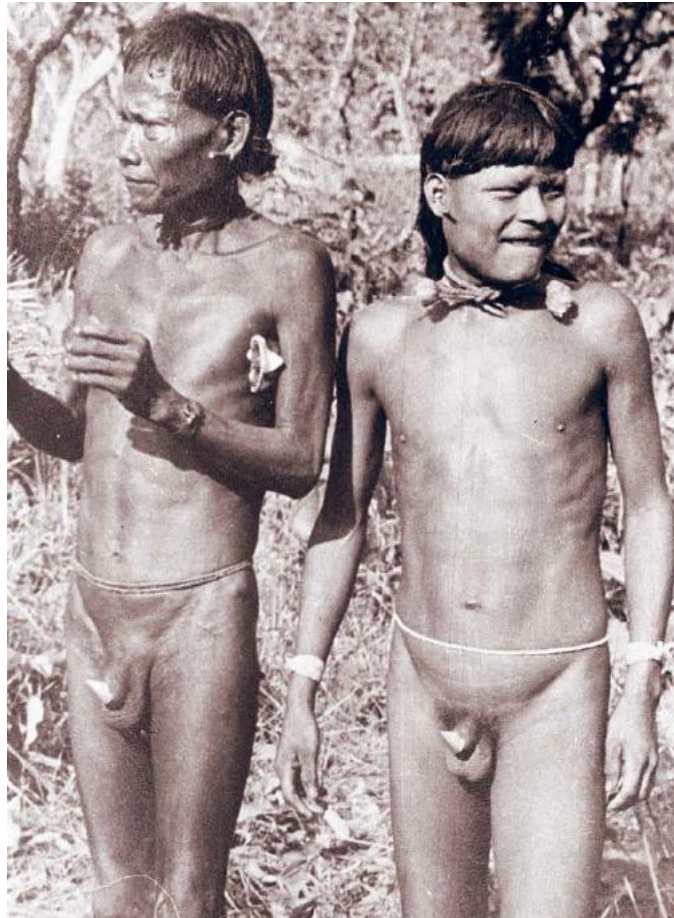
Subsistência Jê – Povos do Cerrado

- A presença discreta de grupos TG em área de cerrado teria uma razão ambiental?
- Ou será que não conseguiram 'invadir' devido à ampla presença de populações Jê?

Jê

Fotos e fisionomia Jê – Xavantes

- Coleções antigas



Sociedades Jê

Aldeias circulares estruturando metades exogâmicas

Nomadismo

Ausência de horticultura, ênfase na caça e coleta

Caça coletiva.

Não fabricam canoas e não costumam navegar

São grandes nadadores

Não usam redes para dormir

Não fermentavam bebidas

Não consumiam tabaco, nem usavam fumaça em curas xamânicas

Disputas esportivas, como a corrida de troncos e lutas

Forno de terra

Costume de gritar conselhos para a aldeia no amanhecer e anoitecer

Grupo de rapzes saírem cantando no entorno da aldeia ao anoitecer

Escarificar a pele com dentes de peixe.

Jê

Adornos labiais - Etnográfico Jê – Kaingang

- Adornos labiais feitos em madeira.
- Adquirido em 1934 em Santa Catarina.



Jê

Colares/Pingentes - Etnográfico Jê – Kayapó

- Colares feitos com pingentes de concha e dente de porco do mato.
- Adquirido em 1970-1983.



Jê

Líticos Polidos - Etnográfico Jê – Kaingang

- Pilão polido.
- Adquirido em 1934 em Santa Catarina.

